# ILUSTRAÇÃO

2.º ANO
NUMERO 36

Lisboa, 16 de Junho de 1927

PREÇO
4$00

A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

# Urotropina effervescente Schering

**Refresca**
porque com ela se prepara uma bebida gazosa de sabor agradavel

**Evita**
porque é o profilactico mais eficaz contra as enfermidades infecciosas

**Cura**
porque a Urotropina é segundo a opinião de todos os médicos, o mais poderoso desinfectante interno.

insista n'este empacotamento original Schering.

*Quando parte ?*
*Em Julho ? Em Agosto ?*

A partida é o melhor momento das férias ; nesse instante temos ainda intacta diante de nós essa série maravilhosa de dias cheios de sól, de ar livre e de liberdade.

# Esquecerá as férias quem partir sem um "Kodak"

Só o vosso "Kodak" vos permitirá mostrar aos vossos amigos e revivêr vós mesmo, durante longos anos, o encanto das vossas férias, hoje ainda intactas, mas infelizmente condenadas a acabar tão cêdo.

*Vá hoje mesmo escolher o vosso "Kodak"*

Em qualquer bôa casa de artigos fotográficos encontrareis uma pessôa competente que, com prazer, vos mostrará os diferentes modelos de "Kodaks" e vos ajudará a escolher o modelo que melhor vos servirá.

| | | |
|---|---|---|
| "Kodak Vest-Pocket"..... | desde. | 110$00 |
| "Pocket Kodak"..... | desde. | 205$00 |
| "Brownies de Caixa"..... | desde. | 50$00 |

## Para vos assegurar o exito :

*Aparelho "Kodak"*

O "Kodak" não tem senão os orgãos e accessórios indispensaveis ; com ele o amador poderá obter as melhores fotografias possiveis.

*Pelicula "Kodak"*

Ao adquirirdes um rolo de Pelicula "Kodak" - em embalagem amarela, podeis estar seguro de que obtereis boas fotográfias.

*Papel "Velox"*

As melhores provas que podereis obter de qualquer dos vossos negativos são as que tiverem impressas no verso a palavra "Velox".

*Kodak Limited, 33, Rua Garrett, Lisbôa.*

**A PHOSPHATINE FALIÈRES**

misturada com o leite é o alimento o mais agradavel e o mais recommendado para as creanças desde a idade de 7 a 8 mezes sobretudo ao momento da ablactação e durante o periodo da crescidão.

Util aos estomagos delicados, aos velhos e aos convalescentes.

Maison CHASSAING (G. PRUNIER & C.ie), 6, Rue de la Tacherie, PARIS

PETROLE HAHN · POUR LES CHEVEUX ·

**PETROLEO HAHN**

M. d. F.

**PARA O CABELO**

*Loção fortificante e regeneradora, indispensavel para limpeza, aformoseamento, conservação e desenvolvimento da cabeleira*

FRASCO GRANDE 24$00 FRASCO PEQUENO 17$00

VENDA POR GROSSO

*Agentes depositarios:* *J. DELIGANT, L.da*

15, RUA DOS SAPATEIROS — LISBOA

## Preciosidade Bibliografica

**Um livro de 1570** — O primeiro atlas geografico que se compilou — *Theatrum Orbis Terrarum* — por Abraham Ortelis; primeira edição colorida à mão e com iluminuras. O texto é em latim, explicando 93 mapas elaborados em Antuerpia, a documentar toda a sciência do tempo que a arrojada viagem de Fernão de Magalhães, já havia lançado em novas concepções de cosmographia. — Vende-se e dão-se informações nas

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

## CAPITALISTAS

de Portugal, Brasil ou Colónias, procura funcionario superior bancário para desenvolvimento de negócios seguros com montagem de estabelecimento. Dão-se e pedem-se as mais rigorosas informações. Escrever para esta redacção.

**Na Administração da «ILUSTRAÇÃO», Rua Anchieta 25 compram-se exemplares em bom estado do n.º 28, a Escudos 10$00 cada.**


# COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

**Sociedade Anónima — Estatutos de 30 de Novembro de 1894**

## AVISO AO PUBLICO

### IMPOSTOS PARA O GOVERNO ESPANHOL

Em virtude das disposições actualmente em vigor em Espanha, as importâncias a cobrar a titulo de impostos de transporte e de sêlo de recibo para aquele país são as seguintes:

### *a)* Imposto de transporte

### 1.º — Passageiros

Bilhetes a preço inteiro (Tarifa Geral); — bilhetes a meio preço, para crianças; — bilhetes de tarifas e serviços especiais, quando a redução seja inferior a 25 % sôbre os preços da Tarifa Geral; — Comboios especiais para particulares e sobretaxas para logares de luxo e salões; — Cobranças em trânsito por excesso de percurso, mudança de classe ou falta de bilhete, 25 % sôbre a importância cobrada.

Autorizações gratuitas ou de 1/2 ou 1/4 de preço (para uso de particulares) e passes gratuito para tratadores de gado, etc., 25 % sôbre o preço correspondente pela Tarifa Geral sem redução para o percurso a efectuar.

Bilhetes de tarifas especiais a preços reduzidos quando a redução seja de 25 % ou mais sôbre a Tarifa Geral — bilhetes de caridade em 3.ª classe e bilhetes para uso de empregados dos caminhos de ferro e suas familias (quando o abatimento fôr de 50 % ou mais sôbre o preço da Tarifa Geral), 10 % sôbre a importância cobrada.

### 2.º — Excedentes de bagagens, cães, recovagen: e quaisquer outros transportes em grande ou pequena velocidade

**5 %, sôbre a importância cobrada**

***São isentos deste impôsto os transportes de:***

**Adubos.** Para o efeito de isenção do imposto de 5 % são considerados como **adubos em geral** os seguintes produtos que se destinam a fertilização de terras: areias fosfatadas, carbonato de potassio, carnalita, cianamido de calcio, cinzas de ossos, cloreto de potassio, enxofre, escorias de desfosforação, fosfato de alumina, fosfato de amónio, fosfato de amónio magnesico, fosfato de calcio, fosfato de potassio, fosfato precipitado, fosfato de sódio, fosfo-guano, gesso fosfatado, guano em bruto ou moido, guano tratado pelo acido sulfurico, kainite, keicerita, manganésio, negro animal, nitrato de amónio, nitrato de cal, nitrato de potassio e de sódio, sulfato de amónio, sulfato de cobre e de ferro, sulfato duplo de potassio e magnésio, sulfato de potassio, superfosfato de guano, superfosfato de negro animal, superfosfato mineral, superfosfato de ossos desgelatinados, superfosfatos de ossos frescos e todos os outros adubos de origem animal e vegetal (1).

**Batatas.**

**Cereais,** inclusivé o arroz.

**Farinhas.**

**Legumes secos.**

NOTA — A limpadura, farelos, sémeas e outros quaisquer similares ou derivados de cereais e farinhas não estão isentos dêste imposto. Dos legumes secos só estão isentos os de uso mais geral e freqüente na alimentação humana. Não estão porém, isentos o tremoço e o chicharo.

**Caixas de pinho desarmadas e barris de madeira desarmados** para transporte de frutas, quando nas declarações de expedição fôr indicada a quantidade de caixas ou barris, a quantidade de peças, incluindo os aros que constituem cada vasilha, e bem assim que se destinem ao transporte de fruta do país (Espanha).

**Carruagens, cavalos e gado estrangeiros** que gosem de admissão temporária em Espanha, ou que venham a Portugal para regressarem a Espanha sob o mesmo regime.

**Carvão mineral** (incluindo o coque) **vegetal e lenha.**

**Gado.**

**Garrafas vazias** que tenham sinais evidentes de já terem servido.

**Madeira para minas carboniferas.**

**Bôlhas e desperdicios de cortiça** para exportação.

**Superfosfatos de calcio.**

**Taras vazias** de qualquer natureza, inclusivé os vagões cisternas para transporte de liquidos.

**Os transportes de qualquer natureza em trânsito** pelo território espanhol.

**Os transportes de qualquer natureza** que, procedendo de Espanha, passem em trânsito pelo território português para tornarem a entrar em Espanha.

### *b)* Imposto de sêlo de recibo (Timbre móvil)

| | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Pesetas | 0,10 | quando a importância total atinja | | | | | | 2,50 | e não exceda | 5 pesetas |
| » | 0,15 | » | » | » | » | seja de | | 5,01 | a 15 | pesetas |
| » | 0,25 | » | » | » | » | » | » | 15.01 | » 50 | » |
| » | 0,60 | » | » | » | » | » | » | 50.01 | » 100 | » |
| » | 1,20 | » | » | » | » | » | » | 100,01 | » 500 | » |
| » | 2,40 | » | » | » | » | » | » | 500,01 | » 1000 | » |
| » | 3,60 | » | » | » | » | » | » | 1000,01 | pesetas em | deante |

Exceptuam-se as quantidades inferiores a 2,50 pesetas.

O presente anula e substitue o Aviso ao Publico A. n.º 112 de 2 de Julho de 1926.

Lisboa, 19 de Maio de 1927.

O Director Geral da Companhia

*Ferreira de Mesquita*

1) Por adubos de origem animal ou vegetal deve entender-se: estereo de galinhas, de cavalariças e de mais matérias excrementicias; as de origem fecal contidas em latrinas bem fechadas; lixo de pombos; ossos secos de peixe; raspa de chifres; residuos moidos de peixe pôdre, terra vegetal e as varreduras das ruas.

# Doze Annos de Triumpho

Passou-se em 14 de novembro de 1926 o duodecimo anniversario do começo da fabricação de automoveis Dodge Brothers.

Memoraveis doze annos! Dodge Brothers produziram durante este periodo 1:800.000 automoveis, tão resistentes e tão conscenciosamente construidos que mais de 90 por cento estão ainda em serviço.

No decurso d'estes doze annos os automoveis Dodge Brothers teem tido acceitação crescente e sempre mais enthusiastica, devido ás suas qualidades de rijeza e estabilidade, que sempre os teem distinguido e teem augmentado constantemente.

**BERNARDINO CORREIA, LTD.**

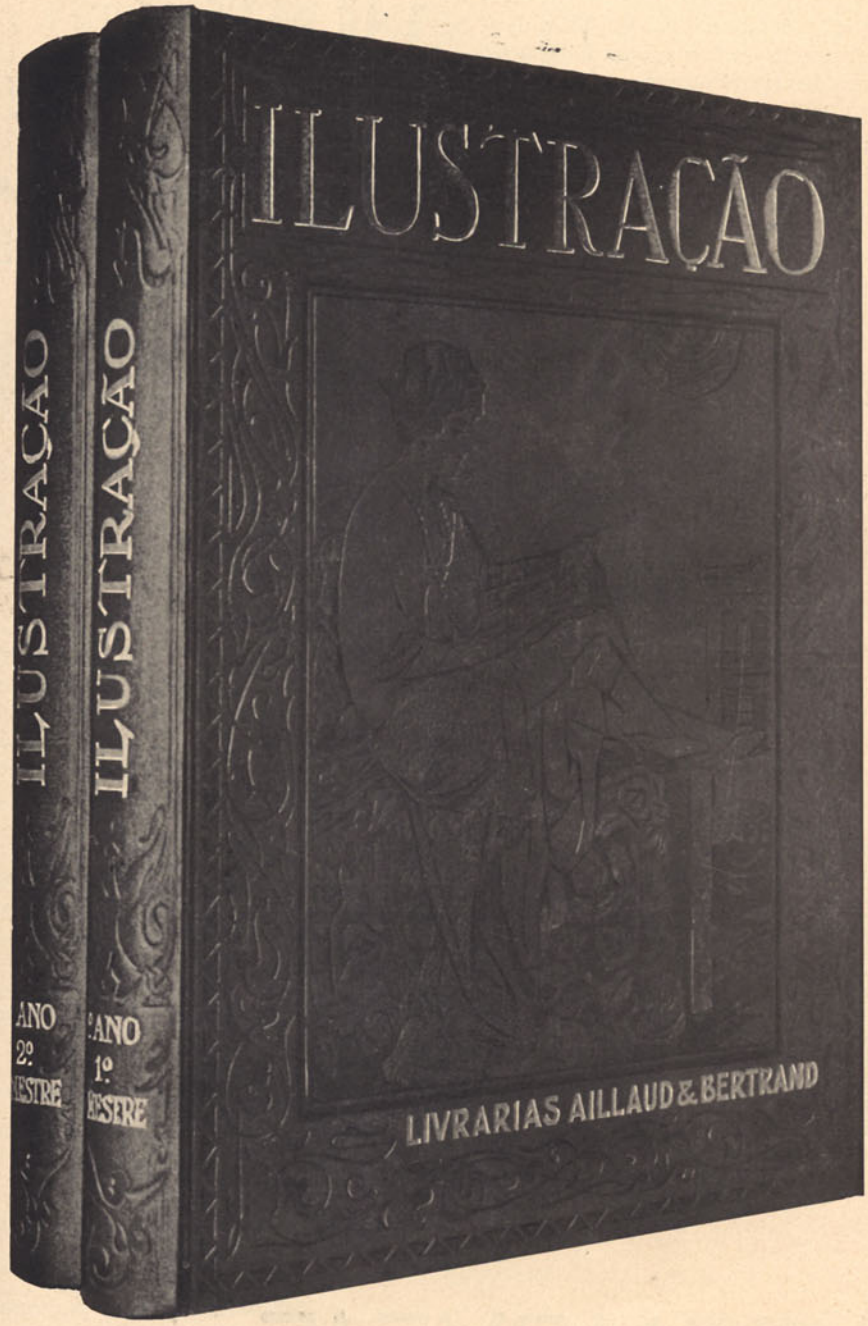
**SECÇÃO DE AUTOMOVEIS**

LISBOA — PORTO — LOANDA

# AUTOMOVEIS DODGE BROTHERS

# Capas para Encadernação

DA




## 1.º ANO

2 VOLUMES

1.º e 2.º Semestres

## 2.º ANO

1.º Semestre

Cada volume
encadernado

ESC. 68$00

Capa em percalina
com ferros especiais
para cada volume

ESC. 12$00

Capa
e encadernação
(cada volume)

ESC. 20$00

▪ ▪ ▪

Pedidos aos editores:

LIVRARIAS
AILLAUD
E BERTRAND
*73, Rua Garrett, 75*
LISBOA

Todos os coleccionadores e assinantes da «ILUSTRAÇÃO» que queiram encadernar os 3 volumes, devem remeter à redacção, Rua Anchieta, 25 — Lisboa, os números 1 a 12 para o 1.º volume, os números 13 a 24 para o 2.º volume e os números 25 a 36 para o 3.º volume.

Os volumes devem ser encadernados com as páginas dos anúncios e respectivas capas de brochura.

*A unica leitura que me tira o sono é a do*

MAGAZINE
BERTRAND

*A vida é um jogo em que a saude é o trunfo.*

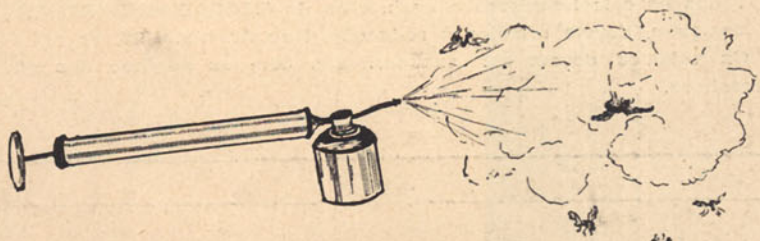
Da saude depende a nossa energia, o nosso bom humor e bom exito, não havendo saude perfeita sem o bom funcionamento do aparelho digestivo. Para o conseguir não ha como tomar diariamente ENO's "Fruit Salt" preparação salina efervescente, idealmente pura. ENO é o reparador familiar, por excelencia, dos inconvenientes das más digestões; laxativo muito suave, mantem as condições de limpeza e regularidade necessarias á boa saude.

*Uma colher das de café num copo d'agua, de manhã e á noite.*

Depositarios em Portugal:
ROBINSON, BARDSLEY & Cª. Ltd.
8, Caes do Sodré, Lisboa.

*As palavras "Fruit Salt" - "Sal de Fructa" e ENO, assim como o rotulo, são marcas da fabrica registadas.*

SAL de FRUCTA
ENO
"FRUIT SALT"



# LIVRE-SE DAS MOSCAS!

USANDO **FLY-BANE**

O melhor destruidor de Moscas, Mosquitos, Traças, Pulgas, Percevejos e muitos outros insectos.

Não faz nódoas na roupa nem na mobilia.
Tem um cheiro suave e agradavel.

**À VENDA NAS PRINCIPAIS DROGARIAS**

Capas para encadernação do

# Magazine BERTRAND

LEITURA PARA TODOS

## 1.º ANO — 1.º SEMESTRE

Cada volume encadernado . . . . . **Escudos: 40$00**

Capa propria em percalina com ferros a oiro e ilustrada . . . . . **Escudos: 7$00**

Capa e encadernação (cada volume). . . . . **Escudos: 10$00**

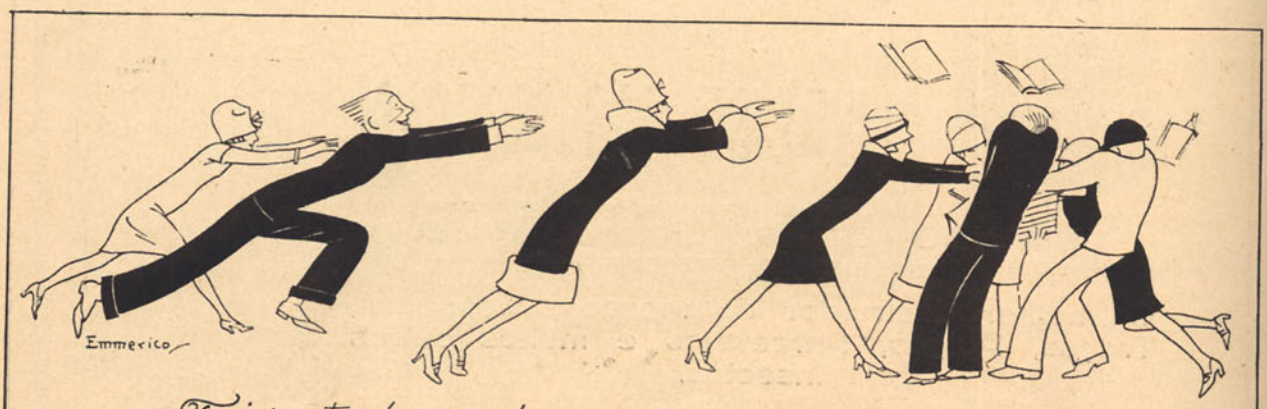
Pedidos aos editores:

## LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Todos os colecionadores e assinantes do "MAGAZINE BERTRAND" que queiram encadernar o 1.º semestre, devem remeter à redacção, Rua Anchieta, 25, os n.os 1 a 6.

Os volumes devem ser encadernados com as páginas dos anúncios e respectivas capas de brochura.




*Foi posto á venda mais um numero do*

MAGAZINE

N.º 6 BERTRAND N.º 6

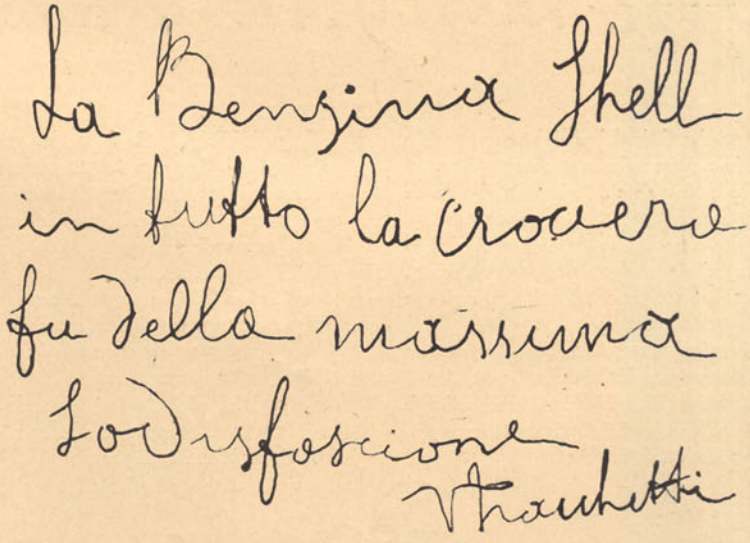
O HÁBIL MECÂNICO

# V. ZACCHETTI

companheiro de viagem de

# MARQUÊS DE PINEDO

ao chegar a Lisboa, declara:




Tradução: a gazolina **SHELL**, em todo o percurso, deu a máxima satisfação.

a) *V. Zacchetti.*

Em todo o percurso tem sido usado exclusivamente

# SHELL

# A Aguia do Far-West ou O Vôo Nova York - Paris

O aviador Carlos Lindbergh no seu aparelho munido com um unico motôr Wright fez a travessia de New York a Paris n'um percurso de 7.000 kilometros, em 34 horas de vôo.

N'este como em outros raids a lubrificação desempenhou um papel de importancia capital.

Nenhum erro era admissivel, tanto mais que o aparelho tem um unico motôr.

O menor desarranjo era o perigo instante, era a morte nas águas do Atlantico.

Conhecedor disto o aviador Carlos Lindbergh confiou á Vacuum Oil Company todos os problemas relativos á lubrificação.

Gargoyle Mobiloil «B» foi o oleo vendido para este raid. Este oleo é exactamente egual em qualidade aos oleos Gargoyle Mobiloil que se encontram á venda em Portugal inteiro, para a lubrificação de automoveis. A lubrificação scientifica cumpriu a sua missão.

A Vacuum Oil Company está em contacto directo e constante com os progressos do aeronautica assim como tem colaborado desde o inicio do desenvolvimento do automovel.

Gargoyle Mobiloil não é só o oleo de absoluta confiança é tambem o mais barato não por litro mas por kilometro ou por ano.

GARGOYLE

# Mobiloil

*Guie-se pela nossa Tabela de recomendações*

**Vacuum Oil Company**

Rua da Horta Sêca, 15-17 · Telefone Trindade 980 (7 linhas)

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
TIP. DA EMPRÊSA
DO ANUARIO COMERCIAL
P. dos Restauradores, 24-Lisboa

# ILUSTRAÇÃO

Propriedade e Edição:
AILLAUD, L.DA
R. Anchieta, 25 — Lisboa

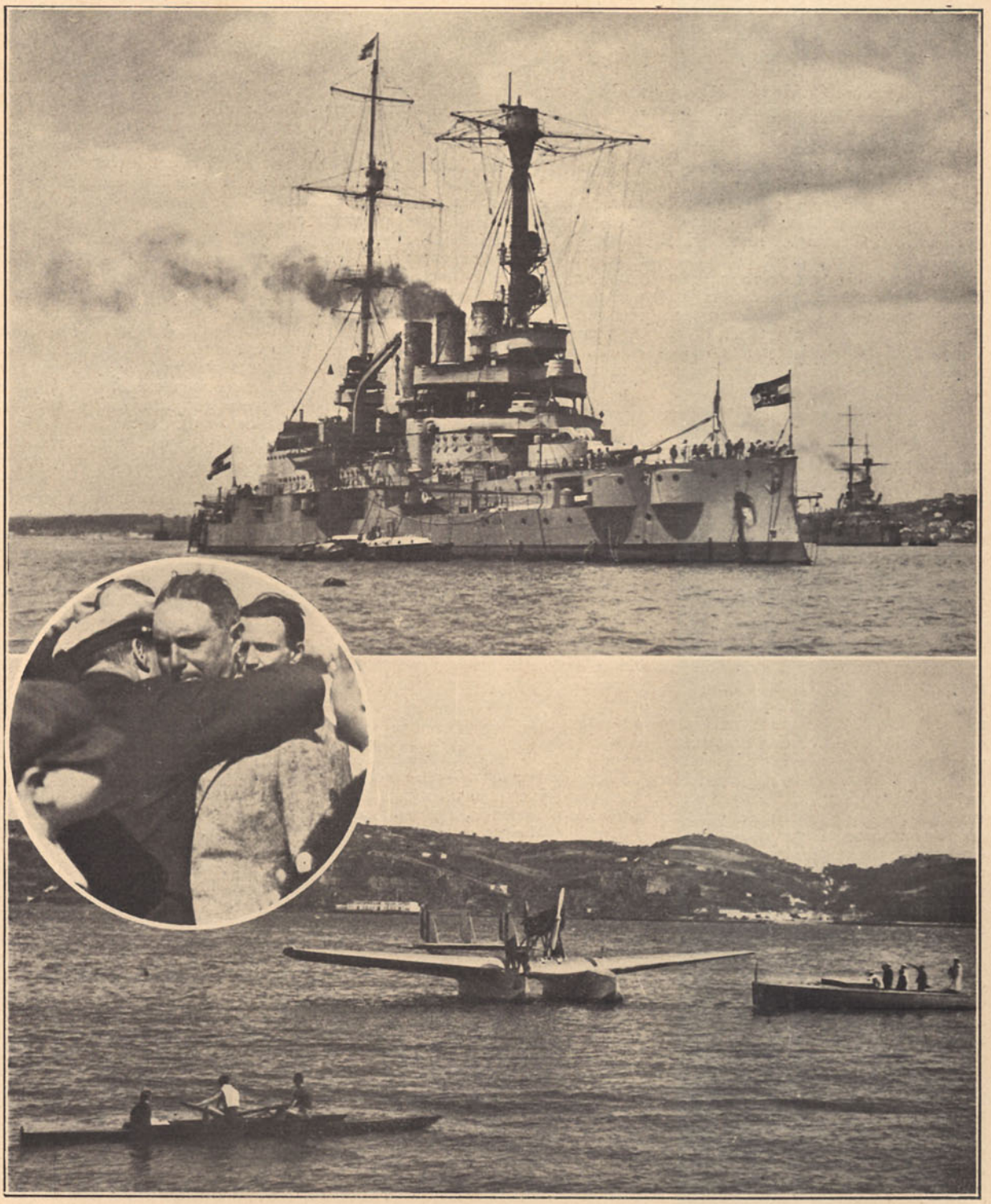
DIRECTOR:
JOÃO DA CUNHA DE EÇA

DIRECTOR TÉCNICO:
FELICIANO SANTOS

ANO 2.º — NÚMERO 36

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

16 DE JUNHO DE 1927



A VISITA A LISBOA DA ESQUADRA ALEMÃ E A CHEGADA DO AVIADOR MARQUÊS DE PINEDO

EM CIMA, PRE-DREADNOUGHT «SCHLESWIG-HOLSTEIN», NAVIO-CHEFE DA ESQUADRA ALEMÃ, DO ALMIRANTE MOMMSEN, QUE HÁ DIAS ESTEVE NO TEJO AFIM DE CUMPRIMENTAR A NAÇÃO PORTUGUESA. — EM BAIXO, O «SANTA MARIA II», DO MARQUÊS DE PINEDO, NO MOMENTO DE AMARAR NO TEJO. — NO MEDALHÃO, O INTRÉPIDO AVIADOR ABRAÇADO POR UM DOS SEUS CAMARADAS DA AVIAÇÃO NAVAL PORTUGUESA

# CRÓNICA DA QUINZENA

Quando esta crónica vir a luz da publicidade, deve ter-se efectuado, nos dias 10, 11 e 12, o primeiro congresso do ensino secundário que se realiza em Portugal. Louvados devem ser os que levaram a bom têrmo êste empreendimento, pois, mal parecia que o professorado do ensino secundário tanto se tivesse deixado distanciar, neste campo, pelo do ensino primário.

Numa entrevista concedida a um jornal da manhã, o secretário geral do congresso assegurou que êle «há-de marcar pela elevação e pela significação moral.» Oxalá! Todavia, não agourariamos muito favoràvelmente dos seu resultados, se a maioria do congresso votasse qualquer coisa de parecido com o que afirma o seu secretário geral, quando diz (na referida entrevista) que «o professorado liceal... é o único indicado para proceder à elaboração das bases em que deve assentar a reforma da instrução secundária.» Sem embargo de êle acrescentar que aceita a colaboração do ensino superior, o que já é alguma coisa, quero atribuir aquela asserção a um excesso de entusiasmo, e crer que a maioria dos professores dos liceus não seguirão naquelas águas.

Mal do nosso ensino público se os seus vários ramos e graus, já tão laxa e desgeitosamente articulados, pretendessem marcar, cada um, o seu próprio fim, traçar o seu plano, seguir as suas directrizes. Pode admitir-se que assim seja no ensino privado: o doador dos fundos para uma escola particular pode marcar, ou designar uma entidade que marque os fins a que ela se destina, a sua organização, etc. Mas, no ensino público, não pode ser assim. Em primeiro lugar, quem sustenta êste ensino é a nação, que, por conseguinte, tem o direito de o organizar como mais convenha aos seus fins. Em segundo lugar, os seus ramos e graus são partes ligadas de um conjunto — o serviço público do ensino — estando, por isso, os fins de cada um subordinados, naturalmente, à finalidade do conjunto. Êste, por sua vez, faz parte de um conjunto mais vasto — a totalidade dos serviços públicos que o Estado tomou o encargo de organizar para realizar os fins nacionais.

Assim, qualquer que seja o caminho por que enveredemos, chegamos sempre ao mesmo resultado: subordinação da finalidade de cada uma das categorias e graus de ensino à posição que ocupa no conjunto; subordinação dos fins do ensino público aos fins nacionais, ao ideal nacional. Isto não exclui, bem entendido, a possibilidade de interferência de ideais supranacionais nas preocupações educativas, mas, é êsse um outro aspecto da questão que, para agora, não importa considerar.

É um facto que a história atesta que os sistemas de educação variam de povo para povo, e de época para época. As causas destas variações são múltiplas, mas as únicas verdadeiramente importantes, as que determinam diferenças características, e não, apenas, de superfície, são as variações nos fins educativos, paralelamente às diferenças dos ideais nacionais. As variações, por exemplo, nos sistemas de educação profissional, não correspondem a diferenças profundas na mentalidade dos povos; dependem principalmente do seu grau de adiantamento intelectual. Assim, a educação de um médico ou de um engenheiro não é a mesma, hoje, na Inglaterra, que há um século; mas é, aproximadamente a mesma, na Inglaterra, na França, na Alemanha, na Itália, em Portugal.

O que é característico da educação de cada povo e de cada época é o *espírito* da educação geral, ou, se preferem, da educação comum àquelas classes de que hão de sair os dirigentes da nação. Êste espírito da educação, não é nada de misterioso: é o fim constante a que ela visa, a espécie de homens que ela quere formar, o género de mentalidade que ela quere que êles tenham, para poderem converter em realidade o ideal nacional. É êste espírito, êste imponderável — para empregar um têrmo que tão estafado tem sido depois da guerra — que os observadores superficiais não vêem quando visitam as escolas alemãs, inglesas, americanas, suissas, belgas, e nos vêm, depois, contar o que viram. E, todavia, êle lá está sempre, permanente, vigilante, por detrás de todos os planos de estudos, de tôdas as matérias de ensino, de todos os métodos e processos.

Um exemplo frisante dêste espírito do ensino é a educação do povo alemão antes da guerra. De cima abaixo, em todo o vasto organismo pedagógico alemão, o «Deutschland uber alles» era o ponto brilhante para onde tôdas as vistas convergiam, o foco intenso que iluminava e aquecia todo o ensino. E se a Alemanha sossobrou na realização do seu ideal, não foi porque o seu sistema educativo lhe não estivesse inteiramente adequado; foi porque aquele ideal era incompatível com as condições actuais dos povos do Ocidente.

Mais ainda que os indivíduos, as nações necessitam de ter um ideal, uma razão de viver, para poderem caminhar. As que não sabem o que fazem neste mundo, as que não tem a consciência de uma missão a cumprir, as que vivem só por viver, não vivem, vegetam. Que a época tenha de ser de lutas armadas incessantes, ou, pelo contrário, de colaboração crescente entre os povos, cada um necessita de saber que papel lhe compete desempenhar no concêrto das nações, que posição lhe marcam, neste jôgo complicado de interêsses, a sua história e as suas condições actuais. E, marcado à nação, pelo cérebro dos seus dirigentes o desígnio nacional, segue-se-lhe imediatamente, ponto por ponto, o ideal educativo. Pelo *desígnio nacional*, a nação sabe o que quere ser; pelo *ideal educativo*, que casta de homens necessita, e quere formar, para atingir aquele *desideratum*. Os dois ideais caminham sempre a par. Porisso, não se concebe que o sistema de educação de uma monarquia bárbara, como a Pérsia de Xerxes, pudesse ser a mesma que a de uma democracia cultora das artes, como Atenas; que a que convinha às preocupações ascéticas da Idade-Média, pudesse coadunar-se com o ideal humanista da Renascença; que o que servia para um império dominado pelo espírito de supremacia militar, como a Alemanha de Guilherme II, pudesse prestar para uma grande democracia industrial, como os Estados-Unidos; ou que a educação dos homens que, em Bizâncio, debatiam, com tôda a gravidade, subtilezas teológicas, pudesse parecer-se, de algum modo, com a dum povo animado de fanatismo proselítico, como os turcos de Mahomet II.

Nos países como o nosso, é, principalmente, o ensino secundário quem fornece a educação comum aos futuros ministros, deputados, directores gerais, governadores civis, administradores de concelho, vereadores, etc.; compreende-se, daí, qual a sua importância para a vida da nação. Porisso, quando encaro com aqueles edifícios, que se me não afiguram ter o ar de scelerados, pregunto a mim mesmo porque magia mefistofélica êles restituem à vida social, estúpidos e charlatães, os rapazes que as famílias lhes entregam, na maioria inteligentes e verdadeiros? Seria injusto deitar-lhes tôdas as culpas: que não haveria a dizer das famílias e dos governos? Mas, poderá alguêm, porventura, destrinçar quem é, aqui, a galinha, quem são os ovos?

JOSÉ DE MAGALHÃES.

# ACTUALIDADES

O sr. Presidente da República ofereceu ao corpo diplomático, no dia 26 de Maio, um banquete, que se realizou na sala dos Goyas do Palácio da Ajuda, tendo sido feitos dois brindes, um pelo Chefe do Estado e outro pelo decano do corpo diplomático, o sr. Nuncio Apostólico

O sr. Ministro dos Negócios Estrangeiros e Madame Bettencourt Rodrigues deram uma recepção e chá no Palácio das Necessidades no dia 4 do corrente.
Na grupo vemos vêem-se o almirante Mommsen, comandante da esquadra alemã que há dias nos visitou, membros do corpo diplomático, govêrno e alguns convidados

# ACTUALIDADES

Comemorando o aniversário do movimento militar de 28 de Maio de 1926, realizou-se uma brilhante parada militar.
*No medalhão:* Os adidos militares estrangeiros que assistiram á parada

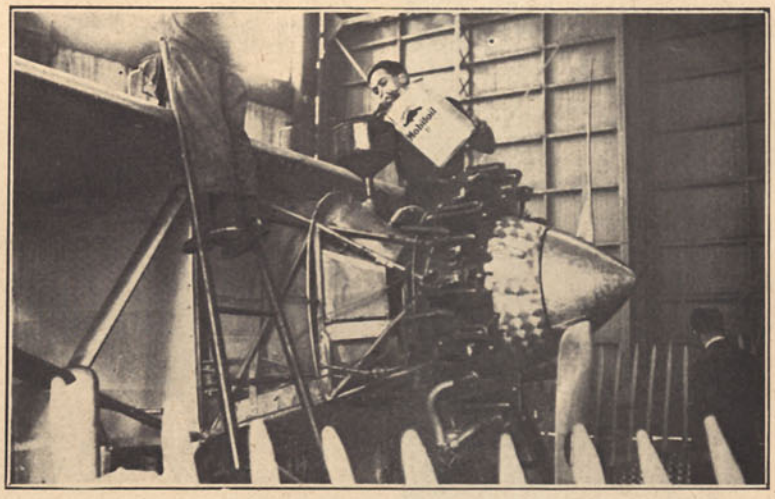
No concurso hípico — Os interessantes modêlos dos costureiros *Borges & Duarte* que bastante sensação produziram

# ACTUALIDADES

O sr. dr. Carlos Cilia, nosso compatriota e ilustre redactor do importante jornal *A Capital*, de S. Paulo, Brasil, onde se tem evidenciado pugnando pelos interêsses portugueses

Grupo de alumas da distinta pintora D. Eduarda Lapa, cuja recente exposição no Teatro Nacional marcou na brilhante carreira daquela artista

Grupo de promotores e organizadores do concêrto de música de Câmara Checo-Eslovaca, realizado no dia 29 de maio nos salões da Liga Naval



No hangar de Le Bourget — O avião «Spirit of St. Louis» metendo óleo *Gargoyle Mobiloil* B antes da partida do capitão Lindbergh para Bruxelas e Londres

No dia 10, no Alto de Santa Catarina, foi inaugurado o monumento à lendária figura do *Adamastor*, obra do distinto escultor Júlio Vaz Junior

A Sociedade Nacional de Música da Câmara fez executar, pela primeira vez, em Portugal, alguns números da «Missa Solene» de Beethoven. A nossa gravura representa os executantes

# ACTUALIDADES

A bordo do paquete Almirante Alexandrino, ancorado no Douro, realizou-se uma festa de confraternização luso-brasileira. A nossa gravura mostra o Consul do Brasil sr. A. de Melo proferindo um discurso

Assistência ao banquete realizado a bordo do mesmo paquete e oferecido pelo agente do Lloyd Brasileiro e Consul do Brasil às autoridades superiores do Porto, ao alto comércio, etc.

Na capital do norte, no Campo do Beça, em honra da A. Bombeiros Voluntários da Invicta, realizou-se uma *poule* hipica. As nossas fotografias mostram um aspecto do chá dançante e um grupo de elegantes

# SOCIEDADE ELEGANTE

O sr. Ministro da França e sua esposa, madame Pralon, ofereceram no dia 31 de Maio, no Palácio da Legação, um almoço em honra do sr. Nuncio Apostólico para festejar a primeira comunhão do seu filho Jacques

Um grupo de elegantes assistentes ao concurso hipico últimamente realizado e que marcou pela basta concorrência da nossa primeira sociedade

No Estoril realizou-se há dias uma elegante festa em que houve vários concursos A nossa fotografia mostra os membros do júri classificando um automovel

No «hall» da Sociedade Nacional de Belas Artes e promovido por uma comissão de ilustres senhoras da nossa primeira sociedade, realizou-se no dia 27 de Maio um chá dançante que decorreu animadissimo

# SOCIEDADE ELEGANTE

Casamento da sr.ª D. Maria Francisca de Castro (Nova Gôa), gentil filha dos srs. condes de Nova Gôa, com o sr. dr. José Franco Frazão (Penha Garcia), filho dos srs. condes de Penha Garcia

Casamento da sr.ª D. Maria Edith Cordeiro Feyo de Noronha, gentil filha da sr.ª D. Carlota Cordeiro Feyo de Noronha e do sr. D. Antonio de Noronha (Paraty), com o sr. D. João Seabra da Camara, filho da sr.ª D. Maria Ignês Seabra da Camara e do falecido clinico sr. dr. D. Vicente Zarco da Camara

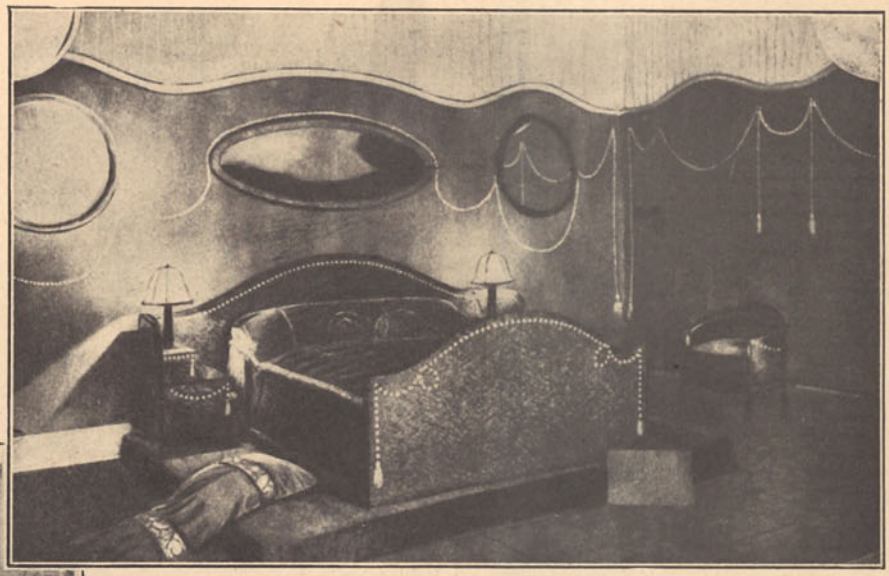
Casamento da sr.ª D. Celeste Galvão de Melo, com o sr. Manoel Gabriel Lopes, realizado no dia 5 do corrente na igreja da Madalena

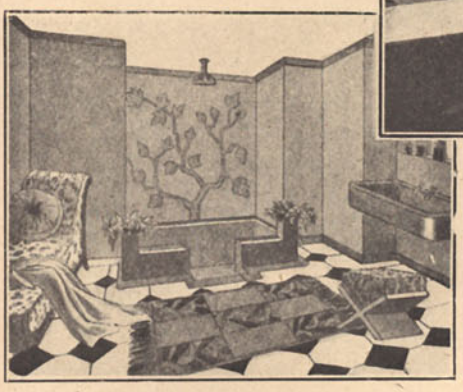
Casamento da sr.ª D. Maria Inês Pizarro de Sampaio e Melo, gentil filha da sr.ª D. Virginia de Andrade Pizarro de Sampaio e Melo e do sr. Paulo de Melo, com o sr. D. Francisco de Portugal e Castro, filho da sr.ª baroneza de S. Cosme e do sr. D. Antonio de Portugal

COLUMBANO — A luva cinzenta

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA

# A ELEGÂNCIA NO LAR





A ideia da elegância, passando além da toilette, alarga, em volta da mulher, um ambiente de infinita graça tocada de personalidade. De facto, a mulher moderna, não se limita a estudar a sua toilette para bem merecer o apodo de — *elegante*. A educação do gôsto artístico, lenta, ignoradamente, mas seguramente levada a efeito pelo sentimento estético que intuìtivamente ensina a buscar o equilíbrio agradável dos conjuntos, revelou-lhe que não basta vestir bem para ser *chic*. Por muito bela que seja a figura principal dum quadro, se o fundo não fôr disposto e cuidado com a arte precisa para lhe preparar o indispensável realce, essa figura morre, apaga-se, pelo desiquilíbrio plástico do conjunto. É o que sucede com a mulher. Pode vestir irrepreensivelmente, acatar cègamente as mais exigentes imposições da moda, mas se à sua volta, no seu lar, nas mínimas coisas que a cercam e fazem fundo ao seu *chic*, não existir o mesmo requinte, o mesmo cuidado estético, a sua elegância dilui-se num ambiente de discordância, de desinterêsse, de mau gôsto, enfim.

É por isso que a mulher moderna, essa que *sabe ser elegante*, estuda e dispõe com tão meticulosa arte a decoração da sua casa, pondo sistemàticamente de parte tudo quanto possa apagar a indispensável nota de personalidade.

O mobiliário que os fabricantes constroem por séries, não a interessa, como também não se deixa subordinar pela rotina da disposição decorativa que nos faz encontrar em várias casas os mesmos efeitos, a mesma arrumação, os mesmos aspectos.

A mulher moderna, consciente do seu gôsto, escolhe o mobiliário conforme as exigências topográficas da sua habitação, as preferências do seu temperamento e ainda o seu gênero de beleza, regendo tudo por uma orientação plástica tão pessoal quanto possível. E quando não encontra no mercado móveis que correspondam à sua idea de originalidade requintada, recorre à imaginação dos artistas ou à própria inspiração, mandando expresssamente executar os elementos decorativos da sua casa.

Dirão as leitoras: — Isso é bom para as senhoras ricas!

Só essas poderão ter a fantasia de mandar construir móveis especiais!...

Seria acertada a observação, se a moda actual só admitisse na decoração interior móveis luxuosos, caros, de complicada manufactura e custosas madeiras.

Mas não é assim. A moda que neste momento nos rege, pronuncia-se pelo mobiliário modesto, feito com madeiras vulgares e trabalhado com sóbria simplicidade. O que ela exige é que a forma fuja dos moldes conhecidos e que a disposição seja quanto possível original. Ora não é dispêndio de arruinar, a construção dum bufete, dum divan ou qualquer outro móvel, em que a casquinha ou mesmo o pinho, — bem sêco, é claro, — entram como principal elemento em substituição do pau santo, do mogno, do carvalho ou da nogueira, únicas madeiras que mereciam as atenções dos nossos avós para a composição do mobiliário doméstico.

Nesta página publicamos quatro *croquis* representando a instalação moderna, muito elegante, duma pequena casa de noivos. Falta apenas a cozinha. Mas num dos números anteriores falámos já do assunto.

O quarto de dormir é ultra moderno, com a decoração das paredes forradas de dois tons rosa, sôbre cujo lambri correm cordões de seda côr de rosa pálida limitados com borlas. A cama, assente sôbre um estrado, é forrada com damasco côr de rosa seguro com pregaria amarela. A original cabeceira da cama, que é independente desta, abraça as duas banquinhas de noite, numa disposição inteiramente nova. Um espelho, uns *fauteuils* e uma *chaise-longue*, completam a decoração.

A casa de banho, é um primor, com as paredes pintadas, a piscina de pedra colocada no chão, o lavatório de porcelana, com varias torneiras, o *parquet* branco e preto sôbre o qual se estende uma carpette lavável. Há ainda nesta casa, uma *chaise longue* e um espelho de vestir. Temos em seguida a casa de jantar, cujos móveis de forma absolutamente original marcam uma estranha elegância patinada de *chic* e modernismo. O salão é também muito interessante porque alia a elegância da disposição à ideia dum confôrto inteligentemente estudado.

A curteza do espaço, não nos permite mais detalhada descrição dos móveis e estofos que decoram estas lindas casas, mas um exame atento auxiliado pela intuição artística latente em todos os cérebros femininos, saberá compreender e interpretar a idea decorativa que as gravuras representam, embora muito incompletamente.

É assim se conseguirá, sem ruinoso dispêndio, guarnecer uma casa ao gôsto moderno, marcando uma decoração original, em que a personalidade da mulher inteligente se afirmará.

# A ÍNDIA ANTIGA

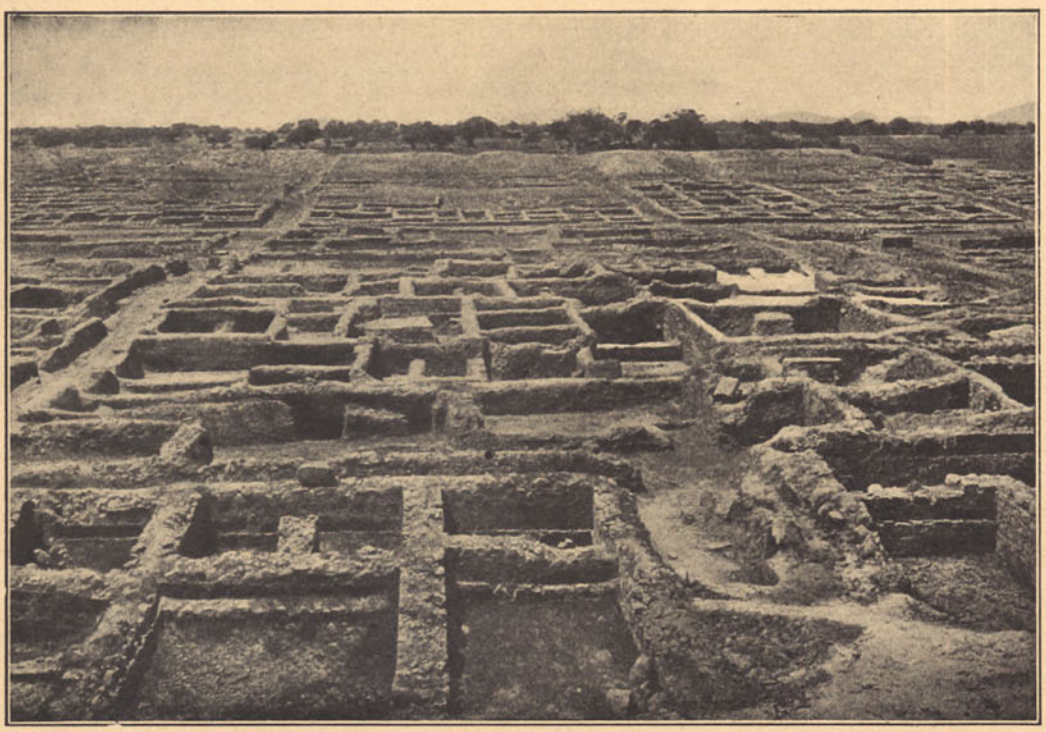
Recentes escavações realizadas na India inglesa, puseram a descoberto as curiosas ruinas de duas cidades dos tempos da dominação dos reis da Scythia e de Parthia e da campanha de Alexandre, o Grande.

O achado de numerosas e interessantes moedas permitiu que se identificassem as eras em que essas velhissimas cidades floresceram.

A gravura que encima esta página mostra um conjunto dos vestigios duma cidade do vale do Bhir, com os seus arruamentos estreitos e torcidos, revelando processos primitivos de construção e, portanto, remontando a eras mais distanciadas do que as que viram erguer-se a outra cidade, de que a segunda gravura mostra o traçado regular e a solidez construtiva.

Ergueu-se esta última cidade em Sirkap e atribui-se a sua construção à época do domínio dos reis da Scythia e de Parthia.

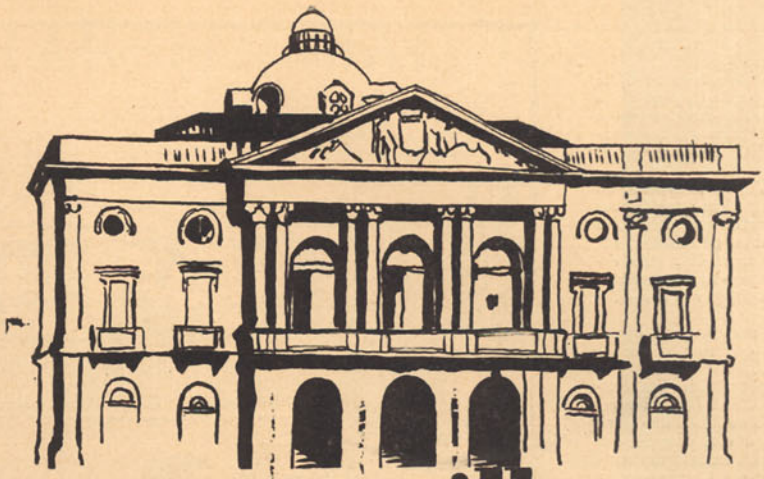
Vestigios duma cidade no vale de Bhir, contemporânea dos reis da Scythia e de Parthia



Alicerces regulares e sólidos duma cidade indiana, em Sirkap, que abrigou Alexandre e a sua glória

A cidade do vale do Bhir, tortuosa e de edificações pouco firmes, era das mais prósperas de tôda a India, quando da invasão de Alexandre. Parece que os gregos nela estabeleceram a sua capital de domínio, transferindo-a a breve trecho para a de Sirkap, mais moderna, mais civilizada e, portanto, mais apta para as funções de capital.

Diante destas afirmações de vida, assim prolongadas no tempo, não podemos deixar de considerar que se a vida humana é curta, individualmente, como actividade e desenvolvimento de inteligência da colectividade ela é tão ampla que quási nos dá a impressão de não ter tido princípio, para talvez nunca mais ter fim.



# Os maravilhosos segredos dos arquivos camarários

Os arquivos da Câmara Municipal são uma autêntica *boîte à surprise*, um dêsses chapéus de prestidigitadores donde saem as mais inconcebíveis coisas...

É nesse arquivo enigmático que jazem as novelas que escreveram todos os engenheiros notáveis de Portugal e da estranja; as locubrações, as fantasias e os caprichos de todos os renovadores de Lisboa, pretéritos e contemporâneos.

Êsse arquivo tem o condão de prisma ou de sonho de ópio: depois de se travar conhecimento com êle, Lisboa perde a sua actual realidade e aparece metamorfoseada em grande *urbs* moderna, estuando progressos mecânicos, tracções aceleradas, monumentais perspectivas, grandiosos deslumbramentos.

Basta passar uma hora em contacto com os projectos que jazem, poeirentos e encarquilhados, nos arquivos da C. M. L., para nunca mais podermos ver Lisboa actual sem tristeza — sem essa tristeza que nos dá a hipótese de que a cidade podia ser um grande, movimentado e belo centro cosmopolita, onde se ostentassem todos os inventos e recursos da civilização contemporânea (1).

Mas como sonhar é sempre agradável, como a imaginação suplanta sempre em beleza a realidade, convidamos o leitor a semi-cerrar as pálpebras e a acompanhar-nos pela nova Lisboa, pela Lisboa renovada, íman de todos os espíritos e campo de todos os inventos — inventos que jazem, adormecidos, nos escaninhos da Câmara Municipal...

* * *

Comecemos pelo Chiado...

Quem lhe disse, sr. lisboeta, que esta artéria tem mau piso e é órfã de encanto? O deslumbramento que lhe vejo nos olhos parece indicar que o seu corpo, vítima de qualquer estranho encantamento, passou alguns séculos adormecido no silêncio de ignaro túmulo...

O Chiado, como vê, não é a velha e monótona rua em declive, por onde outrora passavam janotas e automóveis e onde se escorregava tão fàcilmente como em qualquer barranco provinciano...

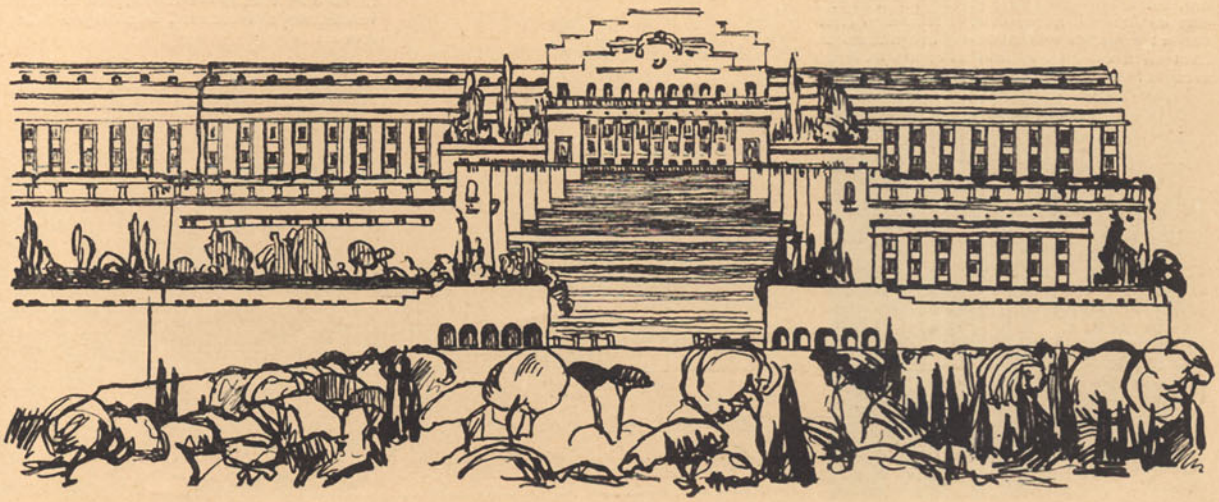
O Chiado, hoje, tem dois largos passeios, debruados aqui e ali por grandes vasos de mármore, onde florescem raras e decorativas plantas. O seu leito, rigorosamente asfaltado, oferece o piso mais agradável do mundo e o seu suave declive serve às mil maravilhas para realçar a monumental escadaria que o liga à rua do Ouro, no lugar onde outrora existiam uns grandes armazens comerciais...

Mas o espanto que lhe causa o Chiado, sr. lisboeta arcaico, vai ser suplantado por outros aperfeiçoamentos que lhe oferecerá a antiga cidade.

Aqui onde foi o Tesouro Velho, principia a ponte sôbre o Tejo — tão almejada que tempo houve em que se supôs que era uma ponte sôbre a Utopia...

Como está vendo, trata-se duma formidável obra de engenharia moderna... Tem dois largos pisos: num dêles passam combóios e eléctricos; no outro automóveis e peões. Uma das suas largas esplanadas está ocupada por «bars», «restaurants» e «casinos» — e um passeio à hora do crepúsculo ou sob a noite estival, até à outra margem do rio, é a maior volúpia que se pode aspirar da civilização europeia.

Ora veja: precisamente daqui, do meio da ponte, vê-se o mais soberbo de todos os panoramas do mundo... A direita, lá ao fundo, os



(1) A quem deseje conhecer detalhadamente os nomes dos autores dos projectos de remodelação de Lisboa e a data em que êstes foram elaborados, aconselhamos uma visita aos arquivos da C. M. L.

Estoris, com seus monumentais *Palaces*, com seus «casinos» ébrios de luz, não são uma filial de Monte Carlo, são a própria sede...

Mas não se admire fora de tempo... Olhe para a esquerda... Acolá, onde outrora foi a Trafaria, praia modesta e presídio-ocre, ergue-se hoje um dos maiores centros elegantes das margens do Atlântico e do Mediterrâneo. Veja as fantasmagorias luminosas que os grandes edifícios projectam na foz do Tejo. Deauville, San Sebastian e Biarritz não se podem orgulhar de primasia... Demandar actualmente o Tejo é entrar numa baía maravilhosa, de lendário explendor, uma dessas baías tornadas, pelo esfôrço humano, mais faustosas e deslumbrantes que tôdas aquelas que entrevimos nas histórias infantis.

Mas não esgote, lisboeta amigo, a sua capacidade de admiração, por que muitas coisas ainda tem para se extasiar...

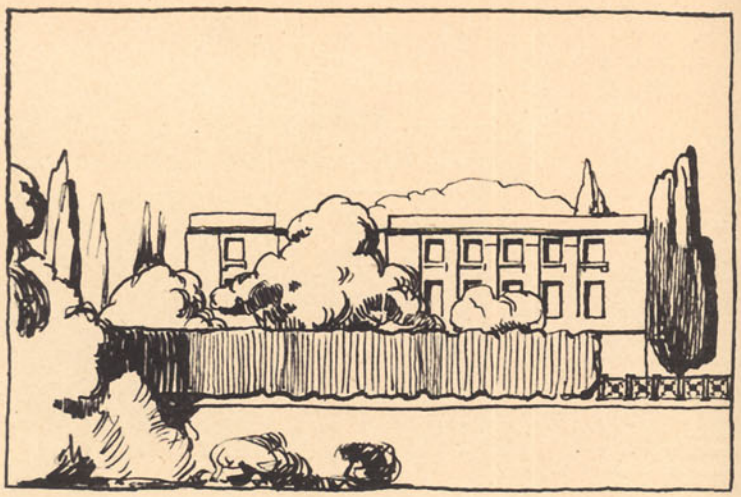
Volte-se para o caminho percorrido. Contemple Lisboa... Que lhe parece esta nova cidade, comparada com aquele pano de fundo de ópera que você estava costumado a ver, quando, em domingos de passeio às hortas, tomava um ronceiro vapor e vinha merendar a Cacilhas ou a Almada? Como está longe aquela verdade com que Paul Morand descrevia, com ares de modernista e descobridor, a Lisboa do século XX! «Presentée comme sur un chevalet, dressée sur la pente de la montagne, elle monte jusqu'à ce ciel portugais où règne, en face du soleil, Auguste Conte. A l'horizon, des moulins; le même vent qui, en bas, enfle les voiles, en haut, moud le grain. Invisible, redescend derrière Lisbonne le versant atlantique, tout baigné de contre-alizés e autres souffles équatoriaux».

Hoje Lisboa respira monumentalidade e beleza por todos os poros, por tôdas as colinas, por todos os ângulos...

Olhe aquele belo jardim, tão graciosamente encaixilhado, sôbre o árido terreno que outrora se chamava justamente terreiro... do Paço. E à em cima, sôbre a terra que pisou Afonso, o Bolonhês, está o mais grandioso hotel de tôda a Europa: cinco mil quartos e uma perspectiva que até há pouco só as águias podiam gosar... Não se espante, homem! V. queria que o castelo de S. Jorge, fôsse sempre castelo e que S. Jorge não fôsse também um dia vencido pela civilização! E mais além — vê? — aquela caseta moderna, de linhas cubistas, austera e elegante como se o seu projecto fôsse devido ao grande arquitecto Mendelshon, é nada mais nada menos do que a estação do vagão aéreo que liga, passando sôbre a Avenida da Liberdade, S. Pedro de Alcantara à Penha de França. Quanto ao edifício que os seus olhos agora fixam, no Alto de Santa Catarina, não lhe deve causar surprêsa se eu lhe disser que êle, com seus doze andares e suas amplas sacadas, está ocupado pelo ministério da marinha e observatório astronómico... Mas regressemos à cidade...

Olhe: tomemos êste ascensor que nos deixará no Largo do Corpo Santo...

Êste túnel que V. está vendo aqui e que liga esta parte da cidade à Rua Primeiro de Dezembro, foi aberto para descongestionar a antiga Rua do Arsenal. Escusamos, porém, de o atravessar: é melhor tomarmos o metropolitano... Está ali a estação, mesmo no centro da larga avenida marginal. Que lhe parece esta avenida?



Lembra-se V. do velho casarão que aqui estava — do Arsenal? Reconheça que Lisboa evoluiu. Perante esta Avenida que vai do Terreiro do Paço a Algês e que é, pela sua amplitude, pela sua arborização e pela vista que daqui se alcança, como que uma nova estela para as Tagides clássicas, nada temos a invejar aos brasileiros, que tanto esfôrço empregaram em tornar maravilhosas as margens da Guanabara...

Mas entremos no metropolitano, que já é tarde... Daqui a três minutos... Pronto! Já chegámos! Sim, homem! É a Avenida da Liberdade! Tôdas essas estátuas que embelezam os vários talhões, são de notáveis artistas portugueses e foram colocadas aqui por um velho alvitre de Fialho de Almeida. Mas subamos; subamos até ao Parque Eduardo VII. Diga-me com franqueza: V., que no seu tempo viajou muito, conheceu, em alguma parte do mundo, algum parque tão belo como êste? Este deslumbrante palácio, tão deslumbrante que ultrapassa aqueles que a nossa imaginação, quando infantil, construiu em Bagdad, é destinado às Belas Artes... Aqui têm vindo fazer exposições e dar concertos os artistas mais notáveis do planeta e nestes salões explendorosos se têm realizado festas inesquecíveis. Mas venha comigo até uma destas sacadas contemplar o parque... Onde viu você lagos como êstes, lagos que são o espelho eleito pela lua, quando quere alisar a sua cabeleira de oiro? E onde existem jardins iguais? Em Versailles? Em Florença? Confesse que não, lisboeta amigo...

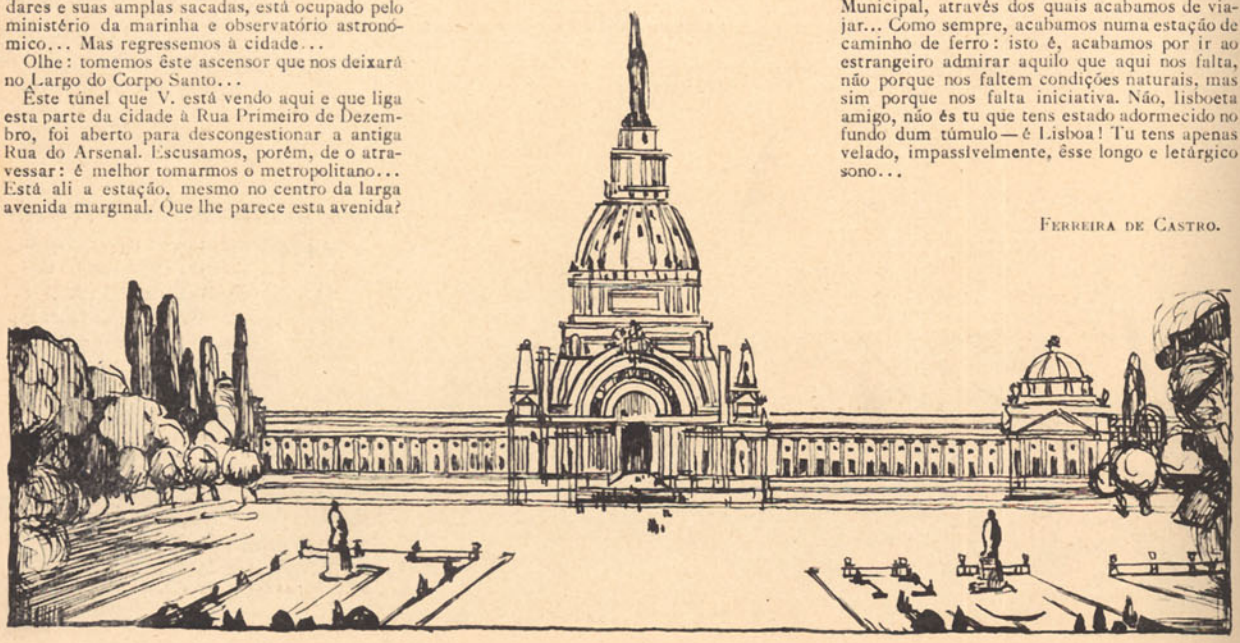
Não temos, porém, tempo a perder... Tomemos, de novo, o metropolitano... É um minuto apenas...

O que é isto? Homem! V. não conhece sequer o Campo Pequeno? É verdade que no seu tempo aqui apenas existiam três ou quatro prédios de mau gôsto e a Praça de Touros. Esta praça é agora uma espécie de Rossio ou nova cidade, formada pelas Avenidas Novas. V. admira-se de não ver agora aquele barranco onde passava o combóio... Eu lhe explico: Para que a perspectiva da Avenida da República, vista desde a Praça Saldanha, não fôsse cortada e se ampliasse até ao Campo Grande, resolveu-se tornar subterrâneas as linhas férreas. Que lhe parece tudo isto?

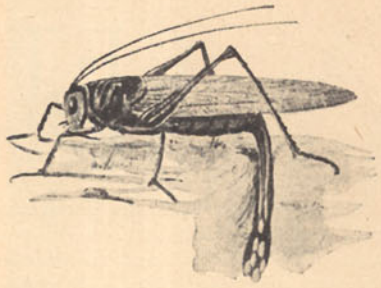
— Maravilhoso, maravilhoso! Nunca supuz que os portugueses tivessem um tal espírito de iniciativa!

— Não esqueças, meu pobre amigo lisboeta, que essa iniciativa é apenas teórica e jaz, sepultada, nos silenciosos arquivos da Câmara Municipal, através dos quais acabamos de viajar... Como sempre, acabamos numa estação de caminho de ferro: isto é, acabamos por ir ao estrangeiro admirar aquilo que aqui nos falta, não porque nos faltem condições naturais, mas sim porque nos falta iniciativa. Não, lisboeta amigo, não és tu que tens estado adormecido no fundo dum túmulo — é Lisboa! Tu tens apenas velado, impassìvelmente, êsse longo e letárgico sono...

FERREIRA DE CASTRO.



# AS TRANSFORMAÇÕES DOS INSECTOS



Gafanhoto em postura

Há insectos vivíparos, isto é, cujas larvas saem de ovos inclusos no abdómen do progenitor; mas mais comumente os insectos põem ovos, como as aves, embora de formas muito diversas em relação às que apresentam os destas últimas. Esses ovos são brancos, amarelos, escuros ou negros retintos, umas vezes isolados com disposições especiais para se prenderem a uma haste ou flutuarem na água, outras em montões sob envólucros de matéria sedosa.

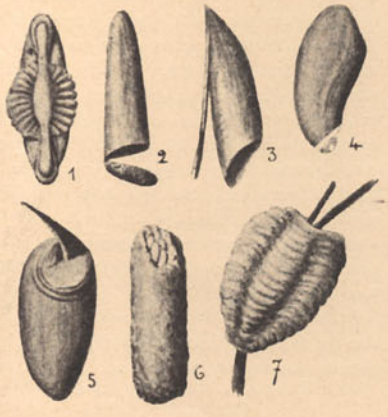
Certos gafanhotos teem a faculdade de depor os ovos um pouco abaixo da superfície do solo, colocando-os por êsse modo em melhores condições de defesa. O escaravelho sagrado envolve o ovo em estrume, depois em terra, formando uma bola. Outros insectos depõem os ovos no tronco e ramos das árvores velhas, nos caules ou raízes das plantas ou no interior dos frutos. As plantas chamadas coníferas são atacadas por certos coleópteros cujos ovos são depostos por baixo da casca. Dêsse ninho partem as larvas, cada uma escavando a sua galeria própria como radiações do mesmo centro.

Tôda a gente conhece a estrutura tantas vezes descrita dos ninhos das abelhas e das formigas. Mas nem só êsses insectos constroem habitações complicadas para criarem os seus descendentes. Certas vespas edificam, com uma pasta que formam de tecidos vegetais, ninhos de apreciável tamanho, suspensos a ramos de arbustos. Outras colocam as suas construções sob a terra, ou em buracos de velhas paredes, ou em tocas de troncos corcomidos. Os ninhos tomam então a forma de pequenos favos cujas células, em geral voltadas a nascente, teem a inclinação conveniente para se não encherem com a água das chuvas.

Freqüentemente os ovos são postos sôbre vegetais que servem depois para alimento das lagartas. Estas são, como as borboletas a que depois dão origem, muito diferentes umas das outras na forma e na côr. Umas são espessas e glabras; outras alongadas e cobertas de pelos. Há-as enormes, grossas como o polegar; outras tão pequenas que escavam galerias na espessura das fôlhas; outras monstruosas com protuberâncias posteriores semelhando armas de touros ou pontas cobrindo e engrossando todo o corpo.

A borboleta *Bombyx* e os seus ovos dispostos em braceletes dum ramo de arbusto

Os casulos que essas lagartas formam para a sua transformação em borboletas são também variáveis de forma e de côr segundo as espécies zoológicas. Encontram-se por tôda a parte: Juxtapostos às paredes ou aos troncos das árvores, ou no próprio chão, ou suspensos por uma extremidade a uma simples haste que oscila ao vento.




Ovos de insectos (1, 2, 3 e 4)
Montões de ovos sob envólucro (5, 6 e 7)

O aspecto e a vida das larvas é tão diferente do que se observa nas borboletas, que se compreende bem como fôsse necessário tão grande dispêndio de inteligentes esforços para se relacionarem umas e outras formas demonstrando-se que pertencem aos mesmos sêres. Vejam-se, por exemplo, os Díticos, insectos aquáticos cujas larvas alongadas, de formas fantásticas, muito activas e muito vorazes, se enterram no solo submerso, ao chegar o tempo da metamorfose, para formarem casulo.

Há insectos que vivem na água quando em estado de larvas e de ninfas, passando o insecto perfeito a viver no ar. É o caso dos nossos conhecidos mosquitos: A larva é um pequeno monstro coberto de sêdas rígidas, tendo, junto à extremidade posterior, um pequeno sifão que lhe permite tomar ar à superfície da água. A ninfa, também aquática, respira por meio de protuberâncias situadas por trás da cabeça.

As coisas não são belas em si, mas sim na nossa apreciação. É, no entanto, admirável como se apresentam, constituindo o mesmo indivíduo, uma lagarta repelente ao nosso sentido estético e uma linda, elegante e colorida borboleta.

F. MIRA.

O dítico, larva e ninfa

# A VETUSTA ALFAMA

Quem, na despreocupação dum passeio demorado, se deslocar um dia, do meio agitado da baixa pombalina, ou dos corredores pretenciosos de casario que são os arruamentos que pomposamente dão pelo nome de *Avenidas Novas* e fôr

Porta da Ermida do Espírito Santo (Remédios)

de caminhada pela orla quási vizinha do rio que se estende desde o Cais de Santarem até ao explendoroso frontão do Arsenal do Exército, porta vistosa sobrepujada por uma composição escultural de épico efeito; quem, desprezando a armazenaria pesada que olha para os cais que se apinhoam nesta margem fluvial da Lisboa oriental, quiser trepar paciente ao complicado trono de velhas construções que pelos séculos fora tem vindo com a designação arábica de *Alfama*, terá que ver, nesse aglomerado confuso, muito que ao seu espírito sorrirá, e à sua inteligência há de falar, porque até a olhos de leigos, aquelas pedras falam uma linguagem diferente da que todos entendem, em vulgar, transmitida por essas habitações que a sciência do construtor civil, atirou para o mundo mais para engôdo de lucro do que para recreio da comodidade. Esta civilização que a higiene teceu para as moradias de hoje, despidas da graça subtil do ornamento simples e simpático que é a característica de velhas casas onde pôde aliar-se abastança com o bom gôsto, preverteu as linhas puras da construção e deu-lhes um simetrismo de disposição que cança os olhos e não move impressionismos de qualquer espécie! Ora, Alfama, que é um mostruário copioso de espécimes de residência pobre e rica, um tabuleiro irregular de forma, e inclinado desigualmente, onde formigueiam páteos insalubres mas típicos, onde palpitam vidas tôrvas que só de soslaio conhecem o Sol, quando conhecem, essa Alfama de mau comportamento no conceito do alfacinha engravatado da Baixa e bairros *chics*, temor presuntivo dos que a visitam, enigma para os que dela ouvem falar, é ainda hoje um cartaz berrante de velhas modalidades de vida, um repositório abundantíssimo de aspectos estranhos, duma singular scenografia do Passado, uma como que floração de caracteres que a acção do tempo deixou incólumes, arrancados à *patine* respeitável dos séculos corridos, que só êles andaram mas que deixaram em contrário que êsse âmbito exquisito de pitoresco se conservasse através de tudo!

Na afronta que em segurança e até em esveltez algumas casas lúgubres fazem aos processos mais completos de erguer habitações está o orgulho do burgo tradicional, que se vira para as bandas do Tejo ou se encosta ao monte que sobe até à Graça e Santa Clara, não por amparo, por apoio, mas por espreguiçamento volúpico de senhora ciosa dos seus pergaminhos a que nenhuma vicissitude desfigura a feição, a que nenhum arrebique dá um rasto de novidade, de hiper-civilização. Ruas turtuosas, correndo em linha quebrada ou em sucessões de curvas, largos festivos eirando portas de igreja, calçadas íngremes, escorregadias como há quinhentos anos, com os mesmos seixos espelhados que pés de sécias acarinharam à hora

Um velho recanto ao Beco das Cruzes

das novenas; nichos alegres, onde poisaram, devotos olhares de caminheiros medrosos ou confiantes na Providência, tudo isso, cantaria escalavrada que resiste a tôdas as intempéries, empenas oscilantes, risonhas do seu equilíbrio

Casa brazonada

pelos anos fora, portas de silharia impassível que se abriram a soturnos passeantes prêsos de amores fáceis, átrios, desembaraçados de muros, que as terras da Outra Banda descortinam em dias de sol de oiro, tudo o que é a poeira impalpável do tempo feita ambiente, evocação, fluidez de imaginativa, atravessa Alfama de lado a lado, penetra-a de atractivo, como um perfume do tempo distante a envolver-nos, a ciciar junto do nosso coração, onda que de longe veio em flutuação de sonho, para dizer ao viandante curioso, como ainda agora se reconstitui, através dessa densa névoa de lustros extensos, a tradição que ainda não se despegou daquele enxame de casas onde há ruas em que os braços mal abertos tocam as paredes, mas onde há também timpanos solarengos de portas armoriadas e tôrres airosas, quási feudalisadas no som solene dos seus sinos pesados, de cintas orativas em que o nome do fabricante se continua com a legenda psálmica.

Burgo de Alfama, ainda és o mesmo da época das descobertas. Dir-se há que ainda em ti moram os teus antigos habitadores!

NOGUEIRA DE BRITO.

# Livros e Escritores

Raúl Brandão, mestre-prosador, trouxe a público outro volume que, pela índole, se aproxima dos *Pescadores*, o seu livro mais popular, aquele que mais ràpidamente viu tiragens nada pequenas serem absorvidas pelo público. *As Ilhas Desconhecidas* devem alcançar êxito igual, senão superior, porque há aqui páginas dum extraordinário vigor pictural, duma vivacidade de côr e dum relevo admiráveis, que excedem, pelo menos em quantidade, as de similar tonalidade existentes nos *Pescadores*. A Madeira e os Açores, as suas paisagens de maravilha, os usos e costumes da sua gente, que, nalgumas partes, ainda faz uma vida primitiva, cheia da doce fraternidade dos antigos cristãos, — de tudo se colhem impressionantes aspectos neste livro recente de Raúl Brandão.

Rocha Martins deu feitiço ao tempo: a par da regularidade na publicação do seu monumental *D. Carlos — História do seu Reinado*, cujo tomo X está à vista, os volumes de reportagem política da nossa época, tão agitada de lutas, sucedem-se. Espelhos que reflectem com exactidão os factos e as figuras dos dias que passam, dum grande escrúpulo documental, jàmais o bafo do sectarismo os turva e lhes deforma as imagens. *Pimenta de Castro Dictador* é o último dêsses valiosos trabalhos, que os historiadores do futuro hão de tomar como cabouços dos seus juízos definitivos.

Quantos mil pianos fazem, por êsses burgos fora, a tortura dos que amam a arte musical com verdadeiro amor? E que da muita gente que os toca, rara é a que os toca bem. De quem a culpa? Dos maus, dos incompletos professores. Oliva Guerra, que sôbre ser uma poetisa de fina inspiração, é uma notável *virtuose* e também uma musicógrafa muito sabedora, elaborou, sob a forma popular de consultório, um trabalho utilíssimo sôbre a técnica pianística, a que deu o nome de *Breviário do Pianista*, feixe de conselhos não só aos alunos como aos próprios mestres. Viana da Mota, eminente músico, prefacia êste livrinho e dá-se como fiador do seu préstimo, em palavras que muito honram a autora.

Aurora Jardim Aranha não se quedou em lenga contemplação ante os louros conquistados pelo seu livro *Farrapos de vida viva*. Com afã, pôs-se a escrever nova obra, que, fazendo parte da *Biblioteca do Lar*, acaba de aparecer. Livro que «as mães podem dar a ler às filhas», o seu casto *Romance Branco — da côr da mocidade* — é uma dessas narrativas sentimentais, tão do agrado do público feminino, em que a fronte dos que sofrem e levam a vida com virtuosa heroicidade alcança, por fim, que o amor a engrinalde de rosas alvas e odorantes. Estão bem encadeados os episódios, e as figuras, principalmente a de Mariluísa, protagonista do romance, movem-se com desembaraço no ambiente dêle.

*Os versos de Afonso Lopes Vieira*, eis uma nova antologia, por êle próprio organizada com alto sentido artístico, da obra do grande poeta do *Ar Livre* e do *Pão e as Rosas*. Nas suas páginas de florilégio, também gràficamente testemunhando um singular bom-gôsto, — lampeja muito do que há de mais puro e inspirado na poesia lírica dos nossos dias, lirismo de que Afonso Lopes Vieira, logo desde os seus primeiros carmes, se revelou como um dos mais lídimos representantes. Versos repercutindo tanto a voz eterna da raça, que sobe do amago dos búzios e das trovas delidas dos cancioneiros, — raros poetas de hoje os escrevem como Afonso Lopes Vieira. Reaparece aqui o poemeto *Ao Soldado desconhecido*, que, quando há anos saiu em folheto, foi apreendido.

João Grave, romancista de superiores faculdades que também trabalha a primor a novela e o conto, possui uma virtude sem o qual não existe o verdadeiro profissional das letras: a regularidade na produção. Com êle pode o público ledor contar, coisa que não sucede com todos que escrevem: em períodos certos e mais de uma vez no ano, êle aparece a ofertar-lhe obra nova. *O Santo* é o livro que João Grave reservou para esta primavera, livro em que se enfeixam cinco interessantes contos, escritos na prosa harmoniosa e expressiva que é apanágio da pena do conhecido autor. Um dêles, *O Ladrão*, saiu já nesta revista.

Tristes poetas de Portugal, os da hora presente: como rouxinóis à beira dum caminho em que não passa ninguém, esfalfam-se a cantar, alguns na verdade com bastante melodia e sentimento, mas — ai dêles! — sem que o coração das turbas, ou, ao menos, dos raros, se denuncie sensível aos seus cantos de dor ou de esperança. Dêste desaprêço geral, dêste como que enjoo dos leitores actuais perante a poesia, já decerto os nossos poetas deram conta. Mas recalcando a tristura que isso lhes faz, persistem em cantar, convictos de que seu destino outro não é. Por isso todos os dias aparecem novos livros de versos, uns de autores há muito estreados, outros de estreantes de agora, livros em que por vezes um lídimo talento se afirma, livros de que não raro se levanta um clarão de beleza, uma faúlha do lume divino da poesia, que em velhos tempos congregava os homens à sua roda e do qual os homens de hoje, não descortinamos porque, deram em andar tão arredios.

Como é da tradicional cortesia, comecemos esta ementa da arte das rimas, pelas poetisas: Filipa de Vilhena e Alice Ogando, ambas estreantes, cujos livros se intitulam, respectivamente, *Cada um...* e *Intimidade*, e Amélia de Guimarães Vilar, talento que já antes do *Morrendo...*, seu livro de agora, se nos dera a conhecer. Percutem as três idênticas cordas, dando primazia à do amor; porém, Filipa de Vilhena sai em certo passo fora dessa uniformidade para nos dar uma curiosa paráfrase das «Laudes» de S. Francisco de Assis. Os versos de mulheres teem, quando mais não seja, êste mérito: descerrarem-nos a alma feminina, sôbre cuja misteriosa essência os *soi-disant* psicólogos, do sexo forte, só teem dito, e com o ar mais solene do mundo, tremendas asneiras.

Da coorte masculina, ponhamos à testa do rol a *Alma Dispersa*, de Matias Lima, poeta já de firme nomeada. Sem favor, apontâmo-lo como um dos mais belos volumes de versos últimamente aparecidos. Côr, harmonia, sensibilidade — nada lhe falta, tanto na parte primeira, composta de poemetos de inspiração vária, como na segunda, formada de telas de viagem. Deve seguir-se-lhe, pela segurança de engenho e pela elevação de temas, o voluminho *Destino*, de Guilherme de Faria, nome de quem já fez o suficiente para não ser tomado como desconhecido. Versos como os dêle, de ritmo

João Ameal, se bem que muito moço ainda, possui já avultada bagagem literária, na qual estão representados muitos géneros, desde o conto ao romance, desde a crónica ao ensáio crítico. *Eterna Luz* é o seu último trabalho, um romance que prega a necessidade de as novas gerações se erguerem do charco moral em que se afundam e regressarem ao culto das tradicionais virtudes, constitutivas da genuína alma da grei. Bem conduzido e escritos seus capítulos com muita arte literária, — talvez mesmo o único defeito desta obra seja a sua excessiva opulência verbal, que sufoca nas ideas e nos sentimentos algo da vibração que lhes é própria.

António de Cértima caminha ousadamente na vanguarda da nossa nova geração literária. *A Epopeia Maldita*, livro seu em que às paginas de panfleto se misturam as de impressionismo, conquistou-lhe de pronto uma posição que êle, através de novos livros, não só procura manter, como até reavigorar. Duas obras duma assentada acaba êle de dar a lume: *Alma Encantadora do Chiado*, colectânea de crónicas e perfis de literatos e artistas, em que a sua pena dum cunho muito pessoal se sentiu plenamente à vontade para fazer estilo, e *O Ditador*, livro doutrinário, de palpitante actualidade, em que o estilista teve de ceder passo ao pensador que intenta resolver os graves problemas políticos.

tão embalador e tão expressivos da sentimentalidade portuguesa, merecem bem ser estimados. Alípio Rama é também um cultor do verso digno de aberto aprêço, como no-lo demonstra o seu último livro *Verbo Humilde*. A sua inspiração, impregnada de aromas rústicos, é sã e luminosa. *Estela* é um livro do poeta madeirense Jaime Câmara, em cujas páginas uma opulenta sensibilidade se exterioriza: amor, patriotismo, sentimentos caridosos, vasta é a escala dos assuntos escolhidos. Desembaraçado em tôdas as formas métricas, é-o sobretudo na quadra ao jeito popular. Terceiro da série *Religião de Beleza*, saiu mais um tomo de poesias de Octávio Marialva, intitulado *Iokanaan* ou *O Bailado de Salomé*. Aqui o autor mantém os créditos de bom ourives do verso conquistados nos tomos anteriores. *Estrada de Damasco* é um feixe de cem sonetos, assinado por António Carvalhal. Motivos amorosos, motivos filosóficos, em uns e outros o autor se revela um espírito sensível à beleza. *Garçonnices*, de A. Mansos Ribeiro, é uma sátira, feita com saborosa graça, às excessivas liberdades que a mulher moderna usufrui. Quando os poetas, que sempre cuidaram de glorificar a mulher, começam de alvejá-la com seus motejos — mal parado vai o seu secular dominio sôbre o mundo! *Descaminho*, de que é autor João Cabral do Nascimento, veio avivar-nos a lembrança dum formoso estro que só de longe em longe dá sinal de si: *Melancolia, amavel companheira* é dos doze poemetos do livro — livro tabulário que o escultor Francisco Franco enriqueceu com esplêndidas gravuras — o mais revelador da delicadeza do espírito que concebeu estes poemas. A favor da Santa Casa da Misericórdia de Faro, apareceu à venda o livro *Musa Algarvia*, impresso com esmêro e contendo bons versos dalguns dos poetas de maior talento nascidos na bela província do sul: Bernardo de Passos, Cândido Guerreiro, Coelho de Carvalho, Armando de Miranda, Mateus Moreno, etc. Quer pelo seu conteúdo literário, quer pela intenção, êste livro não deve sofrer o desprêzo do publico. A sentença de Vigny «*Séparer la vie poétique de la vie politique*» acudiu-nos à mente ao folhearmos o opúsculo *A Expulsão dos Vendilhões*, firmado por Luís Bastos Gonçalves. À maneira de certa fase da obra de Junqueiro, o autor pôs a poesia ao serviço da propaganda anti-clerical, anti-monárquica e anti-capitalista, donde resultou uma obra, sob o ponto de vista literário, de quilate não elevado. Em *Seara de Amor*, de Acácio da Silva Tavares, há o anúncio dum verdadeiro poeta. E dêsse parecer João Ameal, que prefacia o livro — e nós concordamos com êle. *Asas de Icaro* é doutro estreante: Adolfo Simões Müller. Se nos seus versos há incertezas, tambem não lhes escasseiam prometedoras qualidades. De Euclides Sotto Mayor saiu o volume *Orações*, salvo êrro, também de estreia, a que se pode aplicar juizo idêntico. *Eterno Motivo*, de Napoleão Gonçalves, trasborda de lirismo amoroso. *A Maçã do Pecado*, composto de sonetos, mostra que o autor, José Luís de Caldas, trabalha com facilidade a linguagem rimada. Bom será, porém, que a não use por desfastio apenas, como se verifica nalguns dêstes versos. *Auto do Soldado Desconhecido*, de H. Sant'Ana de Oliveira, é um apropósito dramático, tecido de bons versos, que toma por scenário o Mosteiro da Batalha, em que repousa a ossada dos heróis sem nome baqueados pela Pátria durante a Grande Guerra. Há emoção nas falas que o compõem. *Os meus sete pecados mortaes*, de Antonio Pedro, traduzem-nos as torturas dum espírito que parece influenciado por Leopardi, tão pessimista é a sua visão da existência.

Pobres cantores lusitanos dêstes prosáicos tempos, que tendes de cantar somente para vós mesmos, — quando findará vosso exílio, quando voltareis a colher os aplausos que, pelo menos alguns de vós, mereceis? Quando é que pela estrada à beira da qual teimais em desferir vossos cantos tornará a passar alguém que seja capaz de vos escutar?

*Como eu vi a Rússia:* livro algum de mais fascinante assunto poderia aparecer agora. Em que consiste o regime soviético, mas visto *in loco*, a verdade exacta sôbre os seus processos de govêrno, a transformação, benéfica ou perniciosa, que êle já conseguiu operar no povo moscovita, — a quem é que êstes problemas deixam hoje indiferente? Porque tudo quanto com isto se prende está na primeira plana das atenções do mundo hodierno, os livros que o versam são lidos com entusiasmo, quási com paixão. O sr. dr. Carlos Santos, professor do ensino superior no Porto, não se quis fiar, a tal respeito, em informes alheios, de leitura ou outiva, pelo que, em viagem de férias, abalou certo dia ao encontro do mistério russo. E do que viu e estudou, depois de, em crónicas para jornais, o ter feito fragmentàriamente, veio agora dar-nos definitivo e completo relato nas quinhentas páginas do curiosissimo livro daquela maneira intitulado. Poderão alguns acusar o autor de ter visto a vida actual da antiga nação dos czares com fácil credulidade e excessivo optimismo? O certo é que tudo quanto êste livro descreve interessa fortemente. Completa o texto escrito uma boa documentação fotográfica, tôda inédita. Uma das partes mais sensacionais da obra é a que se denomina *A Russia intelectual e moral*, assim como o capítulo que trata do amor sob a lei soviética.

*Porque já não vem muito longe o fim do praso para os*

ROMANCISTAS E NOVELISTAS DA NOSSA TERRA

*apresentarem seus trabalhos ao*

CONCURSO LITERÁRIO

*organizado pela nossa Revista e para o qual instituimos dois prémios pecuniários de*

5.000$00 cada um,

*repetimos hoje as condições em que assenta o certame: 1.ª — Só poderão concorrer os livros originais, de romances ou novelas, cujo texto exceda 200 páginas e, sendo de autoria portuguesa e editados em Portugal, tenham vindo ou venham a lume desde 1 de Outubro de 1926 até 30 de Setembro próximo futuro; 2.ª — Os editores dessas obras terão de enviar-nos cinco exemplares de cada um deles, para serviço do juri que os classificará, escrevendo com nitidez no envólucro: «Para o Concurso Literário da Ilustração».*

*Até à data inscreveram-se cinco livros:* Solteiras *e* Sem Estado, *um e outro do sr. Vaz Ferreira;* Andam Faunos pelos Bosques, *do sr. Aquilino Ribeiro;* Dever Sagrado, *do sr. João Amaral Júnior;* e Santa Rosa do Ermo, *do sr. M. Duarte Lopes.*

O sr. dr. João da Silva Correia, professor da Faculdade de Letras, não se limita a explanar perante os seus alunos o muito que investiga no campo da filologia, a que especialmente se tem dedicado. Também em artigos, assim como em conferências, vai dando com freqüência mais larga expansão ao produto dos seus estudos. Assim no-lo faz lembrar o seu opúsculo, *A linguagem da mulher em relação à do homem*, que arquiva uma das suas palestras, há tempos efectuada em Coimbra. O assunto, longe de interessar só os enfronhados em semântica e sciências afins, oferece larga margem à curiosidade de tôda a gente.

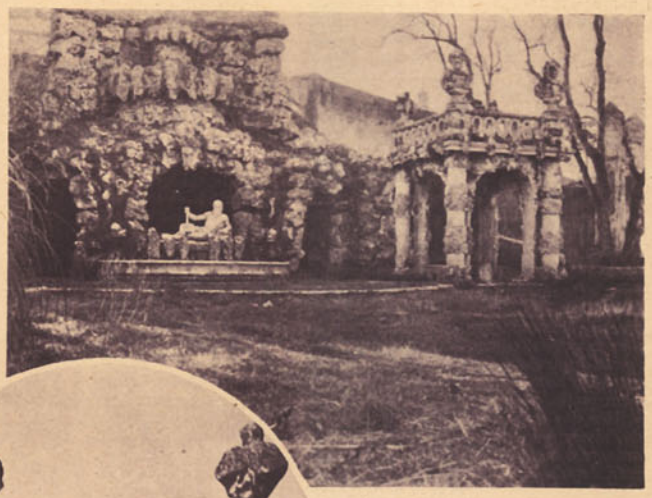
Para quem as lavre só por prazer, para quem as não converta em seara do seu pão, — as belas-letras podem ser farto motivo de alegria. Daí serem mais felizes nelas os amadores do que os profissionais. Aqueles, ao menos, não dependem de editores nem se importam com o público. Unicamente a seu talante deixam correr a pena e imprimem seus livros quando isso lhes agrada. Pertence a esta afortunada categoria de diletantes literários o sr. Jaime Balsemão, autor dos livros *Endymius* e *Seléneia* e *A Romagem Maravilhosa*, ambos de contos e em cujas páginas, por vezes em constrangida convivência, notas de sabor modernista se misturam a reminiscências clássicas.

# A CASA PORTUGUESA

## QUINTA DOS SNRS. MARQUESES DE POMBAL

### OEIRAS

É muito notável a Cascata da Taveira que anima tôda a escarpa com obras de estatuária, de cantaria e de cerâmica.



Cheia de encanto é a Cascata dos Poetas a que preside o Tejo inspirador simbolizado pelo gigante que do seu cântaro tombado deixa golfar a água.

Árvores centenárias, belos portões, estátuas, alegretes e azulejos — espalhados por todo o lado di-

zem-nos o que foi a grandiosidade desta quinta.

# CINEMATOGRAFIA

Buster Keaton no filme «O último round»

Buster Keaton que o nosso público conhece pelo nome espanhol e impróprio de Pamplinas é a expressão mais calma da alegria que dar-se pode. E Keaton é um triste, a sua arte é tôda melancolia, uma melancolia paradoxal que se torna coceguenta a pontos de desencadear inevitàvelmente a gargalhada.

É um bom humor comedido e espartilhado, o de Pamplinas, o «homem que nunca ri» como chamam fleugmàticamente os americanos ao rei da própria fleugma.

Nos seus filmes, o público não ri das suas proezas e no entanto ri a fartar. Esse incomparável artista, na verdade, não chega a fazer proezas, os seus gestos são apenas tentativas esboçadas, timidamente esboçadas, de gestos ridículos ou hilares. Tudo nele é fora do comum, até a sua arte aparentemente vacilante mas decisiva, que se impõe como definitiva realização. Tudo nele é incomparável, a sua figura de ingenuidade marcada, o seu ar alheio a tudo, indo para onde o impelem os fados bons ou adversos. É uma nave humana sem bússola êste homem que bem podia chamar-se o «Elixir Sereno do Riso». Um dos seus últimos filmes, «O Último round», história do mundo do box, prova-o definitivamente o mais alto expoente da arte cómica do écran depois de Charlie Chaplin.

* * *

Alfredo Butler é um filho família enfermo de ingenuidade. Os pais, inquietos pela arqui-candura da vergontea amada mandam-no fazer uma excursão de recreio às montanhas onde o ar puro o enrijará e desenvolverá nele iniciativa, vontade própria e audácia, predicados indispensáveis a um rapaz de hoje, maior de vinte e um anos. Alfredo parte com o seu fiel criado grave, que de grave só tem a cara, pois se trata dum sugeito de moral livre e costumes libérrimos. Habituado ao confôrto do seu palacete, o aspirante a homem transporta às montanhas, onde deve viver em liberdade e conquistando a vida rude por seu esfôrço, uma verdadeira moradia de luxo sob a forma duma tenda de campanha com calefação central, luz eléctrica e... smoking às refeições.

A caça é o passatempo favorito de Alfredo que, de resto, nada consegue caçar a não ser uma paixoneta súbita e ingénuamente inconsciente por certa florinha silvestre que habitava as montanhas. Alfredo Butler, com a ajuda dum manual de declarações de amor, consegue obter que a linda Rosinha se interesse por êle. Então, como homem de sociedade! e não dispondo de outro embaixador, envia a casa da eleita o seu criado grave, Barnabé, para pedir a mão da jovem e silvestre florinha. Barnabé desempenha a sua missão com consciência mas, para entreter a caminhada vai lendo um jornal desportivo como amador que é da «nobre arte». Uma gralha jornalística faz rir o nosso homem. Anuncia-se um combate de box entre o campeão «Trinca-Nozes» e o pretendente ao título Alfredo Batling.

A gralha mudou o apelido a Batling e chamou-lhe Butler. Barnabé ri da coincidência mas engole o riso ao defrontar-se com os familiares da Rosinha, um pai e um irmão de dimensões tão agigantadas que fariam perder o apetite a outro menos velhaco que o Barnabé que, heróico, despeja o pedido de casamento. Os dois gigantes rompem em gargalhadas ao saber que o pretendente é o menino anêmico que está a ares ali perto, na montanha.

Então, o criado grave, dá o golpe de teatro declarando-lhes que o Alfredo Butler que êles consideram menino anêmico é o futuro campeão de Box que está treinando para o grande match. Embasbacados, os gigantões acedem ao pedido de casamento e o raquítico Alfredo, informado à sucapa pelo fiel embaixador, por amor se deixa entreinar pelos futuros cunhado e sôgro que o querem preparar para o grande encontro. O casamento realiza-se mas depois veem os amargos de bôca. É preciso que Alfredo se bata com a besta-fera do «Trinca-Nozes» o que é caso sério. Barnabé, o velhaco, promete arranjar tudo comprando o «Trinca-Nozes» para que êste se deixe vencer, mas gasta o dinheiro em seu proveito. Afastado por um ardil o pretendente ao título Alfredo Batling, é Alfredo Butler, o enfezado, o anémico, o tímido quem se defronta com o contundente campeão. O que resulta dêste combate?...

Conservava em plena montanha os seus hábitos de vida elegante...

Não se pode descrever, de tal maneira cómicas e imprevistas são as peripécias. Mas Butler, a quem o amor inflama e dá novas e imprevistas audácias, supre a fôrça pela alma e pela astúcia. O «último round» dá-lhe uma fantástica e prodigiosa vitória. *Tout est bien...*

* * *

Eis o breve resumo do scenário dum dos filmes cómicos mais verdadeiramente cómicos dos últimos tempos. A grande marca «Metro» tem nesta produção um novo e grande triunfo artístico e comercial.

■ ■ ■

O cinema tem constituído realmente um poderoso foco de atracção para os artistas de todo o mundo. Mas, na maioria, as grandes figuras não vieram do palco, não eram actores. Tôdas as profissões teem dado o seu contingente e especialmente se teem dedicado à scena muda as criaturas de cursos mais elevados e mais forte educação.

Nas profissões literárias vêem-se grandes claros, desfalques feitos pelo cinema, especialmente no curso de direito e a seguir na engenharia, na medicina e na música. Alguem fez uma estatística na casa «Metro» e eis o que constatou: Conrad Nagel é advogado, Henry B. Wathall também, Erich Locke que está dirigindo o grande filme «Old Heidelberg» é médico pela Universidade de Berlim. Mário Carrilo é advogado, como formados em direito são os enscenadores famosos Robert Henley e Robert Z. Leonard.

Entre os engenheiros estão Edward Sedgwick e George Hill e o actor Norman Kerry. Romane Fielding é médico pela Universidade de Nova York onde Harry Carey, o conhecido «Cayena» se graduou em leis.

Lew Cody, o D. Juan moderno, o tipo mais perfeito de cínico elegante na cinematografia, estudou medicina e Ramon Navarro, Roy d'Arcy e Ernest Torrençe quiseram na sua mocidade ser cantores de Ópera para o que fizeram os seus cursos de música. António Moreno, o «star» espanhol, esteve seminarista e tinha em rapaz vocação para monje e quem bate o record das habilitações literárias é Albert Lewin, argumentista, que foi professor de Inglês na Universidade de Kansas e tem *apenas* seis cursos Universitários completos com doutoramentos famosos na história académica pelo seu brilho.

Outro artista curioso é o francês A. Tollaire que foi grande jornalista em França e uma autoridade em economia política, cujas campanhas contra Caillaux deram brado. Fala várias línguas com profundo conhecimento e é uma autoridade em arqueologia, antropologia e egiptologia. Estava na América em missão de estudo quando rebentou a guerra. Leccionou na Universidade de Califórnia e depois, com a paz, *experimentou* o cinema. Deu-se bem e já não quis outra coisa. É hoje uma figura muito procurada para papéis de diplomata solene e respeitável à maneira antiga.

O tímido não hesitou; por amor combateria o campeão...

■ ■ ■

«Anel Karenine» de Tolstoi, vai ser filmada. Serão seus intérpretes Greta Garbo e Ricardo Cortez e um próprio filho de Tolstoi velará pelo ambiente a dar à obra.

■ ■ ■

Demos nas nossas colunas notícia da destruição por um incêndio do negativo do filme «Paname» de L. Malikoff e Marcel L'Herbier, sôbre um romance de Francis Carco. Chegam-nos mais promenores. O negativo estava seguro em soma tal que permite aos seus realizadores recomeçarem a filmagem dêste grande filme de que já se diziam maravilhas. Veremos portanto nos écrans de todo o mundo o filme «Paname».

■ ■ ■

«A quimera do Oiro» a obra prima de Charlie Chaplin foi reprisada nos boulevards de Paris obtendo igual sucesso ao da estreia, a pesar dos milhares de exibições de então. A crítica mundial chama a êste filme «uma obra definitiva, básica, de fundo» do cinema de todo o mundo.

Ás vezes, os leigos suprem com a presença de espírito as deficiências do corpo...

# O RELICÁRIO DE SANTA TERESA DO MENINO JESUS

É esta obra de arte religiosa um pequeno relicário, todo executado em prata rebatida e burilada, ornamentado em estilo «manuelino», o estilo nacional, vendo-se adornado no ponto principal com pedras preciosas.

Tem o relicário de altura 45 centímetros e está dividido em três partes distintas, a saber: a base e nó; o corpo para as relíquias; e o acrotério em pirâmide; todo êle ricamente decorado em ornamentação inspirada na soberba estilização do templo dos Jerónimos em Belem, edificado no reinado de D. Manuel I.

A base do relicário é quási circular, sendo formada de quatro ARCOS PERFEITOS maiores e quatro outros menores, em baixo relêvo, tendo ao centro de cada um, alternando-se, Cruzes de Cristo e Esferas armilares, aplicadas sôbre um calabre e dois festões.

Como por detrás das arquivoltas partem pequeninas ARCARIAS OGIVAIS, apoiadas em COLUNELOS e MÍSULAS; a meio da base eleva-se o «nó» cilíndrico, interrompido por CORDAGENS em sentido horizontal.

Sôbre êste apoio levanta-se como que um templozinho de base rectangular, que é a parte próprimente dita do relicário, sendo os dois lados maiores a frente e o fundo do minúsculo monumento.

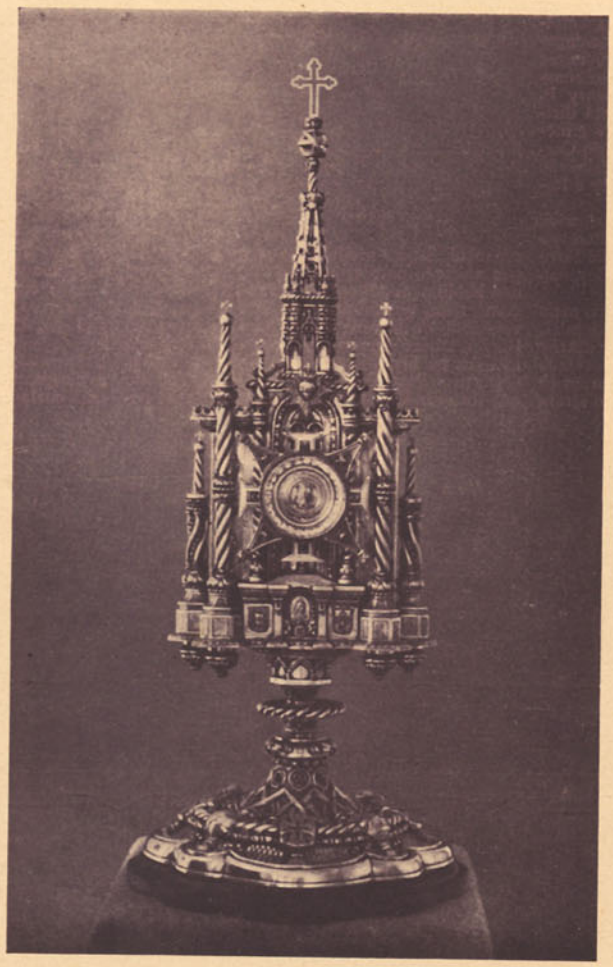
Na parte anterior salientam-se quatro COLUNELOS, de fustes enrolados inversamente, com seus CAPITÉIS, os quais ladeiam o «corpo das relíquias» do artistico relicário e são todos rematados por delicados PINÁCULOS, terminados por cruzinhas de Cristo.

Entre os envasamentos dos COLUNELOS e repartido em três corpos arquitectónicos, avulta no do centro uma delicada efigiezinha de Santa Teresa, tendo um escudo armoriado de cada lado, à dextra o escudo português e à sinistra o escudo do Carmelo.

Superiormente e ao centro observa-se o cristal que protege a sêde das relíquias, de forma circular, contornado a pedrinhas preciosas e tudo destacado da Cruz de Cristo entre quatro arcos terminados em CÓGULOS.

É neste ponto que existem as relíquias, que constam de cabelos e uma partícula do osso maxilar de Santa Teresa do Menino Jesus, os quais foram oferecidos ao Reverendo Padre Marques Soares, por Madre Inês de Jesus, irmã de sangue de Santa Teresinha, e actual prioreza de Carmelo de Lisieux, em França.

Os dois lados menores do relicário teem um COLUNELO em cada centro, e na parte posterior destaca-se novamente a Cruz de Cristo, entre duas COLUNAS SALOMÓNICAS (torcidas), centralizando na altura das bases o lema em caractêres: «Salvam fac Lusitâniam»(Salvai Portugal).



Ainda mais acima, num círculo tendo a Cruz de Cristo e envolvendo o escudo das Quinas, que simboliza a Nação Portuguesa, lêem-se as palavras «Rosarum imbrem e coelo effundam», tradução latina das proferidas por Santa Teresinha: «Derramarei do céu uma chuva de rosas».

É na parte superior do templozinho, que se eleva ao centro o ACROTÉRIO, como uma tôrre, que é constituido por um estreito corpo prismático, adornado de colunazinhas, sustentando por sua vez, como CORUCHÉU, uma pirâmide com recortes *(ajourée)*, sendo finalmente tudo rematado pela esfera armilar e a cruz latina.

Esta artística obra de arte religiosa, (propriedade particular do Rev.º Padre Augusto José Marques Soares, que a mandou fazer, segundo o inspirado modêlo desenhado pelo laureado artista Sr. Luís Cardoso) foi executada em prata rebatida *(repoussé)* pelo hábil lavrante sr. Abel de Andrade, que a acabou a buril, e por último montada nas suas diversas partes na oficina da firma J. A. Costa, Limitada.

Êste formoso relicário que honra a arte religiosa nacional, que tantas obras primas de ourivesaria sacra tem produzido através dos séculos, foi exposto, pela primeira vez, à veneração dos portugueses na fseta realizada na Capela do Carmelo de Lisieux, no dia 25 de Agosto de 1926.

Na festa da manhã e na bênção solene da tarde, o Rev.º Padre Marques Soares prègou a um grupo de cêrca de 150 peregrinos, de tôdas as classes da sociedade portuguesa, preconizando, como penhor seguro de uma efectiva e fecunda evangelização do vastíssimo império colonial português, uma aliança espiritual a fazer entre uma das maiores potências miraculosas dos tempos modernos, Santa Teresa do Menino Jesus, a padroeira do clero indígena e a terceira potência colonial do mndo, Portugal fidelíssimo, o velho missionário que levou o Evangelho à África, à India, à América, à China, ao Japão e à Oceania.

Terminado o sermão e recebida a bênção do Santíssimo, todos os peregrinos, abrasados de entusiasmo pela sua pátria e de confiança em sua celeste padroeira, entoaram com ardor um hino nacional a Santa Teresinha e oscularam com uma ternura tôda filial o belo relicário manuelino onde estão incrustradas as relíquias sagradas da sua amabilíssima advogada, rogando-lhe com fervor que deixe cair sôbre a terra de Portugal uma torrente de rosas celestes.

RIBEIRO CRISTINO.

# A MODA DE VERÃO

Êste ano, a moda é mais coerente, mais sensata. Para o verão criou modelos leves, frescos, claros, como o sol vivo que se destinam a afrontar. Não vemos agora, à semelhança do que sucedeu no último verão, os tecidos diáfanos orlados de pesadas peles, num intuito de contraste paradoxal, menos original do que de mau gôsto e incomodativo. As peles, mesmo as que se convencionou chamar — de verão — (!) foram postas de lado, definitivamente, enquanto o sol espalhar sôbre a terra amolentada as calmarias ardentes das temperaturas escaldantes. Nada de peles, nem de qualquer outro elemento de vestuário que nos faça lembrar com saüdade uma rajada de ar frio. Estamos no verão, e só as toilettes de verão, leves como uma núvem sôlta, alegres como um riso de mocidade, nos interessam. É assim que êste verão, as côres claras voltarão a imperar. A côr de rosa, o azul pálido, o lilaz, o vermelho, (esta última côr empregada com prudência, porque só às morenas e a certas loiras convem em absoluto...) e o verde claro, — que está destinado a grande êxito, apenas o azul caia na infalível vulgaridade, — são as tonalidades preferidas. É certo que o preto, principalmente aliado com uma nota leve de branco, rosa, azul pálido ou vermelho, tem sempre fôro de verdadeira distinção... Mas as côres alegres, os tecidos poalhados de policromias ricas, estampados ou pintados, estão no primeiro plano da elegância estival. É bom notar que os desenhos grandes, cedem o passo aos motivos miudinhos, muito cuidados, muito minuciosos, feitos para serem vistos de perto e não marcarem a distância a nota espectaculosa. De resto, a moda actual pronuncia-se por tudo quanto é delicado, discreto, *chic* sem ostentações gritantes.

Elegante vestido de voile de lã beige

As flores não se limitam a correrem por sôbre a leveza dos tecidos ou desenhos caprichosos das suas formas. No ombro dos vestidos leves ou de toilette, e na lapela dos *tailleurs* aparecem profusamente. Os narcisos, ou botões de ouro e as campânulas, oferecem o colorido vibrante das suas pétalas admiravelmente imitadas ou naturais, para o efeito de realce juvenil da toilette. As largas capelines que voltaram, e oportunamente, para livrarem as faces veluttíneas da agressividade do sol, aparecem também fartamente guarnecidas com flores dispostas em grinaldas ou *bouquets*. O *chic* consiste em combinar quanto possível as flores do chapéu com as do *bouquet* da lapela ou do ombro.

Como pormenor bem feminino da toilette, a moda oferece-nos de novo as esquecidas *boas* de plumas de avestruz. Um pouco mais amplas e compridas do que as que ultimamente se intentou usar, as *boas* que actualmente aparecem profusamente em *Lomgchamp* são de longos fios que a brisa suave agita caprichosamente, esbatendo numa vaga suavidade os contornos plásticos da beleza feminina. As *boas* modernas são claras, rosa, azul pálido, etc., sem qualquer dêsses deliciosos tons pastel tão propícios ao realce dum lindo rosto e duma pele delicada.

Das sombrinhas modernas que diremos? A fantasia e o capricho, combinaram-se para criarem nesse campo, maravilhas de ineditismo. Tudo quanto se pode conceber de original e imprevisto, aparece-nos disposto sôbre êsses pequeninos discos que ora nos mostram o ondular suave duma franja de avestruz, ora ostentam bordados duma riquesa de coloridos inesperada, ora ainda se recamam de *pailletes*, que reenviam para o sol um arremedo traquinas das suas scintilações de oiro, das suas refulgências de cristal. E são tão pequeninas, tão inconcebivelmente pequeninas as sombrinhas modernas, que mal chegam para resguardarem o rôsto...

É para findar um último esclarecimento que reputamos importante: os *tailleurs*, são de preferência compostos com jaquetas lisas e saias de xadrez branco e preto, mas o *chic*, o grande *chic*, consiste na jaqueta de veludo preto combinado com a saia de xadrez branco e preto e uma blusa *chemisier* de crepe da China branco.

Gracioso vestido de *foulard* de fantasia azul e branco e *foulard* azul

Vestido para visitas, de taffetas azul escuro e gorgette branco

# Por êsse Mundo

A RESSURREIÇÃO DA TRAGÉDIA ANTIGA EM SIRACUSA

Êste ano teem-se intensificado as reposições dos trágicos greco-latinos. Depois da que se efectuou no scenário maravilhoso e evocativo do templo de Apolo, em Delfos, o rei de Itália presidiu a uma representação da «Medea» no anfiteatro de Siracusa, na Sicília. A secular tragédia reapareceu em tôda a sua magestosa beleza e em todo o rigor do pormenor



(Clichés ENIT.)

# PORTUGAL—ARTE E PAISAGEM

PEDROGAM GRANDE — Ponte do Cabril (sôbre o Rio Zêzere)

# As touradas não acabam em Espanha

Tomás Borrás, o simpático literato espanhol, é um inimigo acérrimo, convicto, um inimigo maciço e indefectivel da chamada *fiesta nacional*. Como, porém, o não menos simpático Rogerio Garcia Perez quisesse publicar um livro, glorificando os dotes toureiros de D. António Cañero, e um prefácio de recorte literário ficasse lindamente na *ouverture* da obra, Tomás Borrás, que é inimigo das touradas, Tomás Borrás, que abomina os redondéis, Tomás Borrás, que não suporta o *traje de luces* — com o argumento fútil de que êle seria cómico fora das praças, o que provando a sua ridiculez, provaria também a da farda diplomática e a da toga dos magistrados, inadequadas nos piques-niques — Tomás Borrás fez o prefácio, que, por sinal, tirante a inanidade do argumento, saíu escorreito, bem conformado, persuasivo nos seus toques de literária elegância.

Digam-me agora os senhores se com inimigos assim inefavelmente plásticos as touradas vão acabar na terra vizinha...

Com a morte trágica de *Joselito* — o ídolo esbeltíssimo — e a retirada de Belmonte — o bruxo estupendo — as praças de touros espanholas ficaram durante três ou quatro anos quási sem préstimo. Havia touros. Mas toureiros que os lidassem sem enfado para a emotividade que os dois competidores inegualáveis tinham habituado a grandes *frissons*, criando tôda uma nova estética na lide, onde estavam êles?

Um enorme bocejo percorreu as bancadas de tôda a Espanha. A sangrenta porcaria do primeiro *tercio*, que só os grandes toureiros, nos *quites*, doiravam com as filigranas das suas capas, estadeava, nua e crua, a sua hediondez nauseabunda: havia tripas pendentes, cavalos que estrebuchavam arreganhando os dentes na agonia, sangue e excremento, mas os *quites* soberbos, as espantosas meias verónicas belmontinas? Depois, quando se chegava ao terceiro acto do drama, o tédio e o desespêro conjugavam-se. A muleta era um trapo que o toureiro, fugidio e de pernas abertas, passava pelo focinho dos cornupetos que, se chegavam a unir as mãos, e se quedavam, era em obediência a uma inspiração a que o espada correspondia metendo-lhe o aço do estoque numa aflição inestética e cobarde de que o boi morria, mais enjoado do que trespassado, golfando sangue ou após sucessivos *descabellos* muito capazes de acarretar a desclassificação de um aprendiz de magarefe...

Eugénio Noel, o apóstolo, de cuia ao vento e espalhando às mãos cheias tropos incandescentes, sáltou então, ovantemente, à praça, à praça pública — já se vê. E tão estrondosa e bravia era a eloqüência do agitador taurófobo e tão enfiada a catadura dos picadores e dos homens de *montera*, espalmados de encontro à insignificância das suas *malas-artes* que, por um momento, houve realmente a ilusão de que a Espanha ia, enfim, anunciar ao mundo, que, perdidas as colónias, e desesperada de domar o *rifeño*, só lhe restava — cortar a coléta.

E o *foot-ball* começou a grassar por tôda a Espanha com a intensidade e o poder de contágio de uma epidemia virulenta.

Eis, porém, que, pouco a pouco, aqui e além, das *cuadrillas* atónitas, principia surgindo a pleiade nova dos Marcial Lalanda, dos *Chicuelo*, dos Villalta, dos Martn Aguero, dos Valencia, dos Marquez, dos Litri e, finalmente, pela mão de Juan Belmonte, que reaparece como um sol, êsse precioso *Niño de la Palma*, o virtuose elegante para o qual as mulheres começam a olhar com a ternura com que miravam Granero, tão delicado que até tocava violino e passava as longas noites do inverno, na Andaluzia, narcizando-se no seu fio sonoro, doce e triste, embalador como um perfume de melancolia...

Mas não é tudo ainda.

Com D. Antonio Cañero, que transplanta para as arenas, em *pursang* arquitecturais, e estilizada à sua maneira, a destreza viril dos vaqueiros, o gosto do toureio a cavalo ressuscita em Espanha. Os nossos cavaleiros, que dantes só se viam em praças espanholas à guisa de curiosidades exóticas, como *divertissements* extra-canónicos, alardeiam no disco fulvo das praças dalêm fronteiras as gentilesas da sua arte e começam a ser discutidos, compreendidos e aplaudidos. Simão da Veiga, o moço, em Barcelona, na grande corrida em honra das majestades de Itália, vai esperar um touro à porta do *chiquero*, leva-o com as hastes roçando a anca do seu corcel até meio da arena imensa e aí, erguendo o braço, vestido de branco, — a gentileza dum págem na bravura dum campeador — crava-lhe o rojão ao estribo, o primeiro, e o boi ajoelha para logo tombar fulminado.

A aclamação estrondosa que esta proeza legitima ouve-a a Espanha inteira e ressôa em Portugal despertando emulações. Outros cavaleiros portugueses triunfam na nação vizinha. António Luís Lopes ombreia com Cañero em Cordova, o berço do centauro espanhol, e em dois touros possantes de muitas arrobas faz reluzir a velha arte de Marialva.

O toureiro equestre exsurge. Discute-se. Escrevem-se livros. Estalam as competências e rivalidades. Não importa! O que importa é a alma nova que anima cá e lá os sacerdotes da nobre arte de picar touros a cavalo. E enquanto em Madrid, sob o ôlho vigilante duma comissão, se vão repetindo os ensaios e experiências dos modelos de couraças para os *pencos* dos picadores, os nossos cavaleiros, adextrados em Espanha na lide em pontas e na morte da fera, sacrificam o academismo pseudo-clássico do seu toureio, virilizam-no, dão-lhe mobilidade, fogo e estão poderosamente contribuindo para que a festa peninsular, tão justamente admirada por Gautier, como magnificente espectáculo de emoção e de beleza, a um tempo decorativo e másculo, entre numa fase nova em que a par do toureio a pé — criação popular de Pedro Romero *Costillares* e Antonio Montes — ressurja a lide a cavalo, que foi dos nobres, e, tendo desaparecido em Espanha, onde o génio popular democratizou a *fiesta*, degenerara em Portugal numa espécie de jôgo floral, armado o cavaleiro não do rojão mas de alfinetes enfeitados de papel de côres...

As touradas acabarem em Espanha? Pff!

Deixem-me rir.

BOURBON E MENESES.

# Quantos estrangeiros há em Lisboa?

Lisboa é hoje uma cidade que os estrangeiros visitam com curiosidade e com interêsse, não só porque as suas belezas são conhecidas em todo o mundo, mas porque é a capital dum país que pouco a pouco tem sabido conquistar simpatias e admirações.

Os portugueses, na sua fúria de maldizer, começam quási sempre por dizer mal de si próprios e daí a insistência com que se deprime esta formosíssima Lisboa, apontando-a como um antro inhabitável, indigno duma nação civilizada.

É certo que lá fora todos teem a preocupação de valorizar o que é seu, impondo-o à admiração dos estrangeiros e criando o que a natureza não lhes concedeu. A atracção dos estrangeiros faz-se por todos os processos e à custa duma propaganda intensiva e bem orientada, que dá quási sempre os melhores resultados.

Nós, pelo contrário, em vez de encarecer tudo quanto nos pertence, não fazemos senão depreciá-lo, chegando a parecer que nos envergonhamos e pedimos desculpa das maravilhas com que a natureza dotou a nossa terra e das riquezas que herdámos dos nossos maiores.

Só assim se compreende que ainda não tivessemos aprendido a cativar o estrangeiro, prendendo-o à nossa terra, impondo-lhe as nossas virtudes, as belezas da nossa paisagem, as glórias da nossa história, tudo quanto, valioso ou não, é português e pode contribuir para o bom nome e para o engrandecimento de Portugal.

A pesar de tudo, o estrangeiro visita-nos cada vez mais, e muitas vezes, seduzido pela doçura do nosso clima, pelo carácter da nossa gente e pelos encantos que nos rodeiam, aqui se deixa ficar longos anos, prêso pelo coração ou pelo espírito, colaborando comnôsco no engrandecimento da terra que escolheu para sua segunda pátria.

* * *

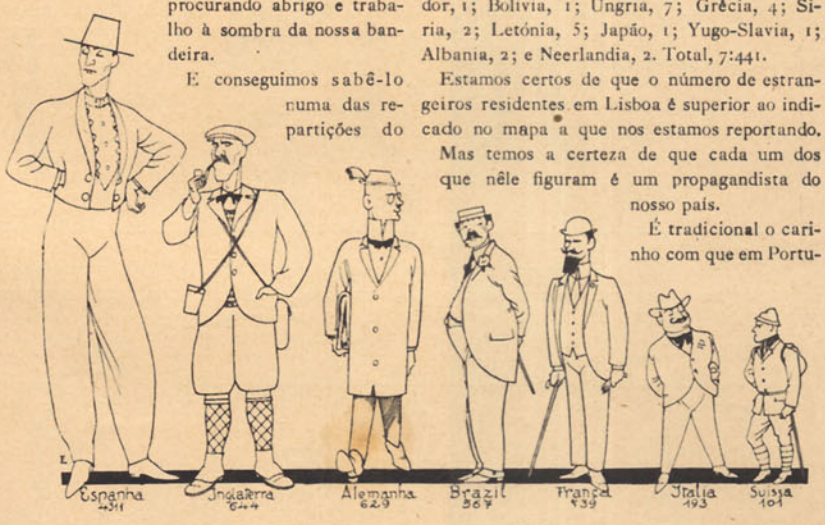
Não vamos falar hoje dos que, chegando ao Tejo a bordo dum transatlântico de luxo, em que atravessam todos os mares, desembarcam durante algumas horas e percorrem a cidade numa visita que tem tanto de fugitiva, como de indiferente.

Esses não nos interessam por agora. Por mais cuidadosamente que observem o que vêem, não conseguirão formar nunca a nosso respeito uma opinião segura, dessas visitas derivando quási sempre os disparates sem nome que surgem na imprensa mundial quando se fala da nossa terra e da nossa gente.

Hoje falamos apenas dos que vivem entre nós, trabalhando a nosso lado, aqui tendo fixado residência e criado interêsses que os prendem a Portugal.

Por mais duma vez formulámos a nós próprios estas preguntas: quantos estrangeiros vivem em Lisboa? E qual a sua origem?

Quem entra num café, num club, num restaurante ou num escritório, topa repetidamente com estrangeiros, cada um dos quais fala uma língua diversa. Era, por isso, curioso averiguar-mos qual o número aproximado de indivíduos estranhos que ao nosso clima se acolheram, procurando abrigo e trabalho à sombra da nossa bandeira.




E conseguimos sabê-lo numa das repartições do Govêrno Civil, onde se faz o seu registo de residência.

Os números que hoje publicamos não são exactos; não podiam sê-lo. Aqui como em tôda a parte, há muitos estrangeiros que não só se recusam a inscrever-se nos respectivos consulados, mas não comparecem perante as nossas autoridades para a efectivação daquele registo.

Mas, nem por isso deixam de ser interessantes e, como tais, dignos de ser conhecidos.

* * *

O mapa que temos presente, relativo ao ano de 1926, dá como residentes em Lisboa 7:441 estrangeiros.

Qual o país que tem a supremacia? A Espanha, pois é de 4:311 o número de subditos de Afonso XIII que em Lisboa vivem e trabalham.

Seguem-se a Inglaterra, com 644; a Alemanha, com 629; o Brasil, com 567; a França, com 539; a Itália, com 193, e a Suissa, com 101.

Os naturais dos outros países distribuem-se pela seguinte forma, segundo o mapa em questão:

América do Norte, 63; Argentina, 16; Austria, 22; Bélgica, 87; Chile, 4; China, 27; Cuba, 5; Dinamarca, 20; Estónia, 10; Holanda, 23; Luxemburgo, 3; Marrocos, 14; México, 15; Polónia, 82; Roménia, 19; Rússia, 28; Suécia, 26; Tcheco-Slovaquia, 17; Turquia, 3; Uruguay, 13; Perú, 3; Noruega, 22; Palestina, 1; Venezuela, 1; Pérsia, 2; Paraguay, 1; Finlandia, 2; Equador, 1; Bolívia, 1; Ungria, 7; Grécia, 4; Síria, 2; Letónia, 5; Japão, 1; Yugo-Slavia, 1; Albania, 2; e Neerlandia, 2. Total, 7:441.

Estamos certos de que o número de estrangeiros residentes em Lisboa é superior ao indicado no mapa a que nos estamos reportando.

Mas temos a certeza de que cada um dos que nêle figuram é um propagandista do nosso país.

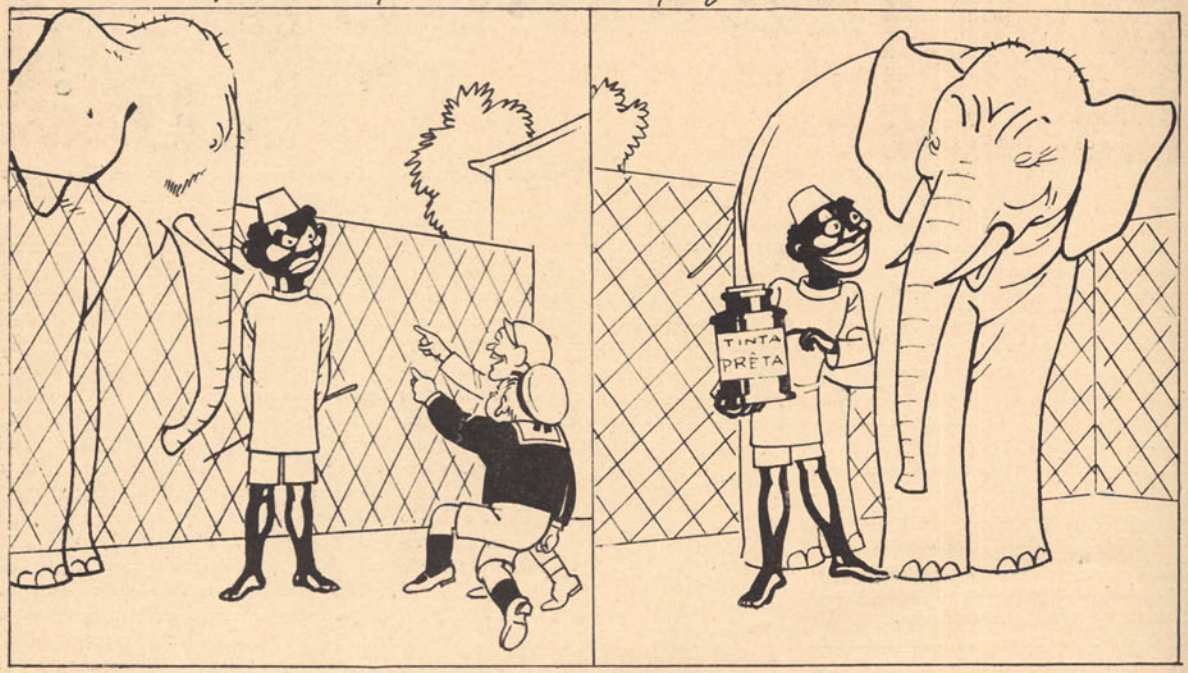
É tradicional o carinho com que em Portugal são recebidos os estrangeiros. E Lisboa não foge à regra, aqui encontrando muitos dêles um bem estar e um afecto que nunca sentiram na sua pátria. Por vezes tem havido razões para os portugueses se arrependerem dum acolhimento tão pronto e festivo. Mas, manda a verdade que se diga que é bem maior o número daqueles que na sua pátria exaltam a terra portuguesa, divulgando os seus encantos, a riqueza e a beleza dos seus monumentos e apregoando em palavras entusiásticas a maneira de ser da nossa gente.

Muitos dêles — quantos! — aqui constituiram família, falando a nossa língua e ensinando-a a seus filhos e ganhando tanto amor a Portugal, como se aqui tivessem nascido e fôssem os mais ardentes e dedicados patriotas.

A compensação não é para despresar, valendo bem a pena continuar sendo como até aqui — amáveis em extremo para os que procuram e nosssa casa e a nossa terra, sem que para isso seja preciso abdicar, é claro, da nossa soberania e do direito que nos assiste de mandarmos no que é nosso.

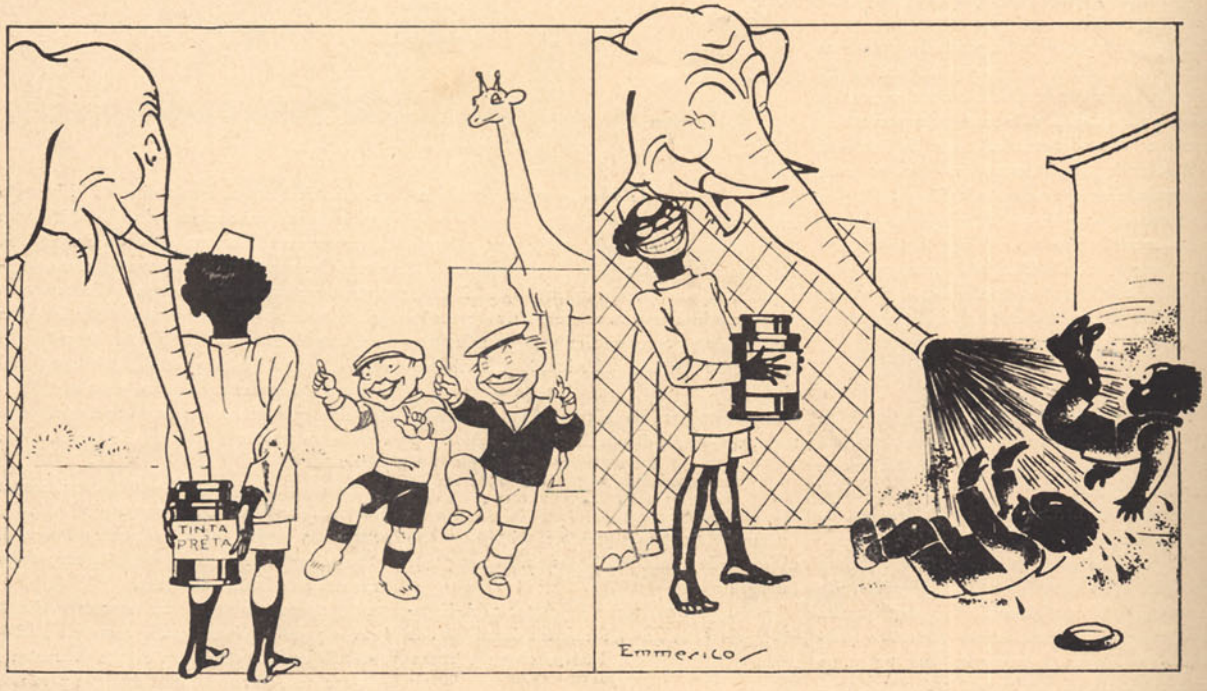
# Página Infantil

## O prêto, o elefante e os dois rapazes malcriados.




*O Quim e o Nécas são dois meninos muito malcriados que só estão satisfeitos quando escarnecem o próximo. Freqüentavam muito o Jardim Zoológico.*

*O elefante e o prêto Zumba não gostavam dêstes dois garotos e uma manhã combinaram dar-lhes o castigo que êles mereciam.*




*Numa tarde em que voltaram ao Jardim para troçar do prêto, por êle ser da côr do chocolate, já o elefante se preparava para os receber condignamente...*

*E quando os dois garotos menos esperavam, eram borrifados dos pés à cabeça com tinta prêta, ficando o Quim e o Nécas mais negros que o próprio negro.*

# O MUNDO PERDIDO

## GRANDE ROMANCE DE AVENTURAS

## por Conan Doyle

*(Continuação do n.º 35)*

—O que se dirá, meu caro Summerlee? Vou dizer-lho com tôda a precisão e sem receio de me enganar: dir-se há que o senhor é um refinado mentiroso, um charlatão scientífico, tal e qual como o senhor e os outros disseram de mim.

—Mas se nós mostrármos fotografias?

—Falsificadas, Summerlee! Grosseiramente falsificadas!

—Mas se nós apresentarmos espécimes de animais?

—Sim, isso, ao menos, podemos nós fazer. Malone e tôda a sua abjecta camaradagem de Fleet Street terão ainda ensejo de entoar os nossos louvores. A vinte e oito de agosto vimos, numa clareira da Terra de Maple White, cinco iguanodons vivos. Aponte êste facto nas suas notas, meu amigo e envie-as à sua «lamparina».

—E depois—acrescentou lord Roxton—prepare-se para receber a reprimenda do director. As coisas, meu rapaz, tomam um aspecto muito diferente quando se consideram de longe, sob a latitude de Londres. Muita gente há que não conta as suas aventuras, porque sabe que não se faria acreditar. Quem pode censurar essa gente por isso? A nós próprios, dentro dum ou dois meses, tudo isto nos parecerá um sonho. Que animais disse que eram aqueles?

—Iguanodons—respondeu Summerlee.—Encontram-se as marcas das suas patas nos areais de Hastings, em Kent e em Sussex. Habitaram o sul da Inglaterra, numa época em que a vegetação húmida era ali bastante abundante para a sua alimentação. As condições mudaram e os animais morreram. Aqui, como as condições de vida se não devem ter modificado, os animais sobreviveram.

—Se um dia sairmos vivos dêste país—declarou lord Roxton—não o abandonarei sem levar uma cabeça de caça. Eu não sei o que é que os senhores pensam disto tudo. Quanto a mim tenho a impressão de ir caminhando sôbre um chão de vidro, prestes a estalar!

Eu partilhava também dêste estado de inquietação. A semi-obscuridade que reinava sob as árvores tinha qualquer coisa de ameaçante; a negrura da folhagem, quando eu levantava os olhos, enchia-me dum vago terror. Não havia dúvida de que os monstruosos animais, que acabavamos de ver, não passavam de uns seres inofensivos e pesadões, que não faziam mal a ninguem, mas que outros sobreviventes de épocas imemoriais, que outros seres ferozes, horríveis e ágeis se preparavam, por detrás dos penêdos e das sarças, para cair sôbre nós? Eu pouco conhecia da vida pre-histórica. Só lêra um livro em que se falava de animais que, a existirem hoje, fariam dos nossos leões e dos nossos tigres o mesmo que o gato faz do rato. O que seria de nós se nos encontrassemos frente a frente com êles, nas florestas da Terra de Maple White?

Tivemos ainda nessa manhã, que era a primeira que passavamos no planalto, uma outra aventura, que não posso recordar sem repugnância. Se a clareira dos iguanodons deve, segundo as palavras de lord Roxton, ficar na nossa lembrança como um sonho, o pântano dos pterodactilos ficará como um pesadêlo.

Atravessavamos o bosque lentamente, não só porque lord Roxton não nos deixava avançar senão à medida que êle ia explorando o caminho, mas ainda porque, a cada passo, ora um ora outro dos professores se detinha pasmado de admiração perante algum exemplar desconhecido de insecto ou de flor. Pouco mais avançaramos do que três milhas, seguindo sempre a margem direita do regato, quando se nos deparou um grande espaço aberto no meio das árvores. Para além do mato que nos rodeava, avistavamos um local onde os fragmentos de rocha, que freqüentemente se encontravam disseminados pelo planalto, formavam uma massa confusa. Enquanto iamos atravessando o mato, que nos dava pela cintura, a nossos ouvidos chegava um rumor grave e contínuo de vozearia e de silvos, parecendo vir do sítio para onde nos dirigiamos. Lord Roxton deteve-nos com um gesto, agachou-se e partiu a correr. Quando chegou ao montão de rochedos, vimo-lo olhar por cima dêles, cautelosamente, e fazer um gesto de espanto. Depois, quedou-se, com os olhos semi-cerrados, por tal forma absorto que parecia ter-se esquecido de nós. Por fim, agitou a mão num gesto que nos chamava e ao mesmo tempo nos recomendava tôda a prudência. A sua atitude, anunciando-nos uma surprêsa, prevenia-nos de um perigo.

De rojo fomos juntar-nos a êle e por nossa vez olhámos por cima das rochas. O que se patenteava a nossos olhos era uma cova, talvez uma das antigas crateras do planalto, afetando a forma duma taça, em cujo fundo, a cêrca de cem jardas, estagnavam charcos orlados de espuma verde e rodeados de canaviais. Êste lugar, já de si tão sinistro, revestia, por efeito dos entes que o ocupavam, o aspecto dum dos sete ciclos dantescos, pois servia para as reuniões dos pterodactilos, que ali se contavam por centenas. .. beira de água os mais pequenos folgavam, emquanto as horríveis fêmeas chocavam os ovos, que pareciam feitos de coiro amarelo e dêste fervilhar de reptis subia não só um impressionante clamor, que enchia o ar, mas ainda um cheiro mefítico, a bafio, doentio e sufocante.

Êste lugar, já de si tão sinistro, revestia, por efeito dos entes que o ocupavam, o aspecto de um dos sete ciclos dantescos, pois servia para as reuniões dos pterodactilos, que ali se contavam por centenas

Entretanto os machos, os medonhos machos, enormes, pardos, descarnados, parecendo mais espécimes dissecados do que animais vivos, presidiam ao conjunto, empoleirado cada um dêles em sua pedra, sem outros movimentos além do de rolar continuamente os olhos vermelhos ou entreabrir, de vez em quando, o bico em forma de ratoeira, à passagem de alguma libelinha. Os antebraços pendentes deixavam-lhes flutuar em tôrno dos corpos as imensas asas membranosas, de forma que davam a impressão de velhas bruxas sentadas e envoltas em medonhos chales côr de teia de aranha, que só lhes deixassem a cabeça a descoberto. Entre grandes e pequenos, eram bem uns mil que tinhamos diante de nós.

Os dois professores, mergulhados na embriaguês que lhes provocava o estudo da vida pre-histórica,

teriam de bom grado ficado ali o dia inteiro. Apontavam com o dedo um ao outro os despojos de peixes e de aves, que juncavam as rochas e que mostravam qual era o género de alimentação dos pterodactilos. Ouvi-os mutuamente congratularem-se por verificarem que êstes dragões voadores viviam, como os pinguins, em colónias, o que explicava que as suas ossadas fôssem encontradas em tão grande número, em certos terrenos muito definidos, como, por exemplo, no grés verde de Cambridge.

Que impressão tão grata tivemos quando, despertos pela voz de Zambo, e correndo para a beira do planalto o vimos, de pé e rindo, no ponto extremo da agulha!

Mas sucedeu que Challenger, querendo provar um facto contestado por Summerlee, levantou a cabeça acima das rochas e com êste movimento ia causando a nossa perda. O macho mais próximo soltou um silvo agudo, bateu as asas, que tinham bem os seus vinte e dois pés de envergadura e desferiu o vôo.

Imediatamente, as fêmeas e os mais pequenos reuniram-se em volta do charco, enquanto os restantes machos, que vigiavam em volta, começavam um a um a levantar-se no ar. Quando êstes estranhos animais entraram a zigue-zaguear no espaço, como andorinhas, apresentavam, na verdade, um espectáculo estonteante, mas logo compreendemos que não podíamos demorar-nos a contemplá-lo. Primeiro, descreveram um grande círculo, como para verificarem a extensão da zona perigosa; depois baixaram e o círculo apertou-se mais. Começaram a voar em tôrno de nós, a voar cada vez mais próximos e o ruído do ar, batido pelas suas vastas asas pardas, fez-me recordar o aeródromo de Hendon em dia de vôos.

— Depressa, alcancemos o bosque e não nos separemos! — gritou lord John, empunhando a carabina, pelo cano, para se servir dela como duma massa de armas. — Os endiabrados animais estão com más intenções.

Mas, no momento preciso em que íamos bater em retirada, o círculo fechou-se sôbre as nossas cabeças e as primeiras asas roçaram-nos pela cara. Fizemos voltear em tôrno de nós as coronhas das carabinas, mas sem que encontrássemos qualquer coisa sólida ou vulnerável para ferir. De repente, do círculo rumorejante e pardo, avançou um bico, que nos dardejou um golpe. Logo a seguir outro e outro ainda.

Summerlee, soltando um grito, levou a mão ao rosto, de onde o sangue corria. Eu senti-me ferido por detrás, no pescoço, vacilei com o impulso. Challenger caíu e eu inclinei-me para o levantar, mas, ferido novamente pelas costas, caí por cima dêle. No mesmo instante senti a detonação da espingarda de lord John e, erguendo os olhos, vi um dos animais a debater-se, por terra, com uma asa quebrada, o grande bico aberto, soprando e espumando, a rolar os olhos injectados de sangue, semelhante a um demónio da Idade-Média. Ao ruído da detonação, os outros tinham subido e o círculo de asas continuava por cima das nossas cabeças.

— Despachemo-nos — exclamou lord John — porque disso depende a salvação da nossa vida!

Olegantes, apressámo-nos através do mato, mas ainda não atingíramos as árvores, quando outra vez as harpias se precipitaram sôbre nós. Summerlee foi derrubado. Levantámo-lo e dum pulo embrenhámo-nos no bosque. Estavamos salvos, porque as asas dos pterodactilos não tinham sob os ramos espaço bastante para se desdobrar. Enquanto nos afastavamos, coxeando, contusos e estropiados, vimo-los ainda durante muito tempo, lá muito alto no céu azul, pouco maiores do que pombos bravos, continuando o seu vôo em círculo e, sem dúvida, observando a nossa retirada. Quando, enfim, alcançámos a parte mais densa do bosque, êles abandonaram a perseguição e nós deixámos de os ver.

— Uma aventura muito interessante e perfeitamente convincente! — disse Challenger que, tendo parado connosco à beira do regato, lavava o joelho inchado. — Eis-nos, amigo Summerlee, razoavelmente elucidados acêrca dos costumes dêstes endiabrados pterodactilos!

Summerlee estancava o sangue dum golpe que tinha no rôsto e eu, a pesar de ferido, com uma certa gravidade, no músculo do pescoço, ligava a mim mesmo o ferimento. Lord John tinha saído quase da resfrega com um rasgão no casaco, por cima do ombro, mal lhe tendo os dentes do seu terrível adversário aflorado a pele.

— É interessante notar — continuou Challenger — que o nosso amigo Malone recebeu um golpe perfurante, ao passo que o casaco de lord John foi rasgado por uma mordedura. Quanto a mim bateram-me na cabeça com as asas. De maneira que acabamos de assistir a uma exibição variada dos seus meios de ataque.

— E pouco faltou para que nos custasse bem cara! — disse, com gravidade, lord John. Não é fácil imaginar morte mais horrorosa do que sucumbir ao ataque de tão repelentes animais! Peza-me ter-me utilizado da minha carabina, mas não podia hesitar.

— Se não tivesse procedido como procedeu, não estaríamos agora aqui.

— De resto — acrescentou êle — o facto não pode ter conseqüências de maior. Aí pelos bosques devem dar-se quedas de árvores, que produzem um ruído semelhante ao de um tiro.

Regressámos ao acampamento, afim de pensarmos as nossas feridas com um pouco de ácido fênico, porque pode acontecer que as maxilas dêsses ignóbeis animais tenham algum veneno especial.

Mas — a pesar de, desde que o mundo é mundo, jâmais um homem ter tido na sua vida um dia como aquele — uma nova surprêsa nos estava reservada. Quando, seguindo sempre o curso do regato, chegámos à clareira e avistámos o nosso «forte» julgámos terem terminado nesse dia as nossas aventuras, mas — ai de nós! — eramos forçados a reconhecer o contrário, antes de podermos gosar um pouco de repouso. A «porta» do «Forte Challenger» estava intacta, as «paredes» não apresentavam a mais simples brecha e, no entanto, um misterioso e vigoroso visitante tinha penetrado no nosso «forte» durante a nossa ausência. Em vez de pégadas no solo, que nos servissem de indicação, tinhamos um grande ramo do gingo pendente, a mostrar-nos como o intruso tinha entrado e saído. O estado das nossas provisões elucidava-nos suficientemente acêrca do vigor destruidor dos seus músculos.

Estavam espalhadas por tôda a parte: uma lata de conserva fôra reduzida a estilhaços e de uma caixa de cartuchos não restavam mais do que pequenos fragmentos, por entre os quais apanhámos um alvado completamente esmigalhado. Reapossou-se de nós o vago terror que já de manhã nos assaltara e perscrutámos com o olhar extenuado as profundidades obscuras que nos rodeavam: talvez algum animal estranho e tremendo nos estivesse espiando lá de cima. Que impressão tão grata tivemos quando, despertos pela voz de Zambo, e correndo para a beira do planalto o vimos, de pé e rindo, no ponto extremo da agulha!

— Tudo vai bem, senhor Challenger, tudo vai bem! — exclamou êle. — Eu cá vou estando. Nada receiem. Encontrar-me-hão aqui sempre que tenham necessidade de mim!

Aquele rosto amigo e a imensa paisagem que se desenrolava diante dos nossos olhos conduziram-nos em espírito até ao afluente do Amazonas e lembraram-nos que pertenciamos ainda ao século XX, dando nos a certeza de não termos sido transportados, por um poder mágico, para um planeta ainda em principio. Como nos parecia difícil conceber que para além da linha côr de violeta do horizonte houvesse um grande rio, paquetes, pessoas que se entreteem com os aspectos mínimos da vida e que nós, abandonados entre sêres duma outra época, estivessemos reduzidos a olhar e a desejar tudo isso!

Tenho ainda uma última recordação dêste dia cheio de surprêsas e vou com ela terminar a minha carta. Os dois professores, a quem, suponho, os ferimentos agravaram a natural impaciência, haviam-se engalfinhado numa discussão acêrca do género a que pertenciam os seus agressores — género pterodactilo ou dimodorfon — e como êles trocassem entre si palavras violentas, eu afastei-me, procurando um pouco de tranqüilidade. Sentado sôbre um tronco de árvore, fumava o meu cigarro, quando lord Roxton se encaminhou lentamente para mim.

— Diga-me, Malone — disse êle — examinou bem o local onde estavam os tais animais?

— Vi bem — respondi.

— Uma espécie de cratera, não é verdade?

— Exactamente.

— E o terreno? Observou o terreno?

— Rochas...

— Mas em tôrno da água, no sitio dos canaviais?

— Um terreno azulado, uma espécie de barro.

— Exactamente. Uma cratera cheia de argila azulada.

— E daí? — preguntei eu.

— Oh! nada... nada...

E afastou-se como viera, lentamente, na direcção dos dois sábios, que continuavam discutindo. A reflexão de lord John ter-me-ia esquecido se nessa noite o não tivesse ouvido ainda murmurar: «Argila azul... argila azul... na chaminé dum vulcão!...» Depois adormeci, esmagado de fadiga.

## CAPÍTULO XI

### O MÉRITO DA FAÇANHA

Lord Roxton tinha razão quando suspeitava que a mordedura dos imundos animais inoculava qualquer veneno especial, porque, no dia seguinte ao da nossa primeira aventura, eu e Summerlee tinhamos febre e Challenger tinha o joelho tão dorido, que só coxeando podia caminhar. Passámos, portanto, todo o dia no acampamento, ajudando conforme pudemos lord Roxton a levantar e a reforçar a barreira espinhosa que nos protegia contra os perigos exteriores. Lembro-me de que, a pesar de todo o meu esfôrço, não podia afastar de mim a idea de que eramos observados, mas donde e por quem é que eu não saberia dizer.

Esta impressão estava em mim tão enraizada que acabei por comunicá-la a Challenger, que a levou à conta de excitação cerebral produzida pela feore. A cada momento eu olhava vivamente ao meu redor, convencido de que ia ver qualquer coisa, mas nada via senão a folhagem negra da sêbe, que nos envolvia ou a sombra magestosa das árvores, que formavam abóbada por cima das nossas cabeças.

Mas no meu espírito não cessava de aumentar o pressentimento de uma presença invisível e hostil. Recordando-me das crenças dos índios, quási me convencia de que Curipiri, o terrível Génio das florestas, se entretinha a inquietar os que lhe profanavam o seu longinquo refúgio.

Nessa noite, a terceira que passavamos na Terra de Maple White, produziu-se um facto que muito nos impressionou e nos encheu de reconhecimento para com lord Roxton, pelo perigo que êle correu por nossa causa. Dormiamos em tôrno da fogueira, quási a apagar-se, quando fomos despertados ou, mais rigorosamente, arrancados ao sono por uns gritos que pareciam partir de uma distância de cêrca de cem jardas e que eram os mais agudos e assustadores que até então tinham chegado aos meus ouvidos. Nem sei a que outro ruído possa compará-los. Feriam o ouvido como um silvo da locomotiva, mas o silvo da locomotiva é nitido, sucessivo e cortante e, nestes gritos, mais profundos e mais extensos, vibraram uma angústia e um horror infinitos.

Tapámos os ouvidos com as mãos para evitar êste concêrto angustioso que nos punha os nervos num feixe. Um suor frio inundou-me o corpo, e no meu peito o coração galopava. Tôdas as maldições de uma alma torturada e tôdas as acusações que essa alma possa vibrar contra o céu pareciam reünidas, condensadas nesse grito atroz, a que se misturava um outro som intermitente, uma voz grave, sonora, uma espécie de grunhido, de gorgolejo, de risada gutural, que fazia ao lamento angustioso um acompanhamento grotesco. O horrivel dueto prosseguiu durante três ou quatro minutos e tôda a ramaria das árvores rumorejava com o debandar da passarada. Bruscamente, tal como começára, o grito deixou de ouvir-se. Um pavor mortal petrificava-nos e durante muito tempo guardámos silêncio. Depois, lord John deitou na fogueira um molho de ramos secos e um clarão avermelhado iluminou em cheio os rostos crispados dos meus companheiros, chegou até às ramadas que se estendiam por cima das nossas cabeças.

— O que seria isto? — murmurei eu.

— Sabê-lo-emos quando amanhecer — disse lord John. — Era aqui bem perto de nós, um pouco para além da clareira.

— Acabamos de ter — disse Challenger com uma gravidade que lhe não era habitual — o privilégio de assistir a um drama da pre-história, a um dêsses dramas como os que se deviam ter desenrolado em volta das lagoas jurássicas nos tempos em que os monstros lutavam no lôdo e em que o maior matava o mais pequeno. Na verdade, o homem veiu em boa altura, na ordem da criação. Nos primeiros tempos do mundo havia poderes exteriores, que nem a coragem nem os maquinismos teriam podido afrontar útilmente. Que poderia o homem, com a sua funda e a sua flecha, contra tais fôrças errantes na noite? Mesmo contra uma carabina moderna o monstro teria por si tôdas as vantagens.

— Modéstia à parte — disse lord John, acariciando a sua carabina — creio que a pesar disso eu não deixaria de meter a arma à cara!

Summerlee ergueu a mão e preveniu:

— Schiu! Sinto um ruído qualquer!...

No silêncio que nos rodeava distinguimos um ruído regular e surdo, que nos indicava a aproximação dum animal em passo cauteloso, cadenciado e pesado, mas amortecido, de patas de veludo. O animal rodeou o acampamento, depois passou em frente da «porta», respirando profunda e ruïdosamente. E dêsse horrivel animal, que a noite protegia, só uma ligeira sêbe nos separava! Todos nós empunhámos as nossas carabinas. Entretanto, lord John, afastando alguns ramos, fizera uma abertura na sêbe.

— *By George!* — murmurou êle, no áuge da admiração!

Debrucei-me e por cima do seu ombro olhei através da brecha e também vi o que lhe causava tanto pasmo. Percebi, na sombra das árvores, uma outra sombra negra e vaga, apenas esboçada, um vulto agachado e ameaçador, pouco mais alto que um cavalo, mas que deixava adivinhar uma fôrça e um volume colossais. O sôpro da sua respiração, rítmico e cheio, como um resfolegar de máquina, denunciava um monstruoso organismo. O monstro mexeu-se e os seus dois olhos terríveis chisparam chamas verdes. Sentimos em seguida um rumor desagradável, como se êle avançasse de rôjo.

— O monstro vai precipitar-se sôbre nós! — exclamei eu, engatilhando a carabina.

— Espere, espere! — murmurou lord John. — A detonação duma arma nesta noite calma ouvir-se-ia a muitas milhas. — Não atire senão no último extremo.

— Estamos perdidos se o animal passa a sêbe — disse Summerlee e a sua voz quebrou-se nervosamente numa gargalhadinha.

— Mas não passará a sêbe — respondeu lord Roxton. — Guarde a sua arma como supremo recurso. Há talvez um meio melhor. Vamos vêr...

O que eu vi foi da sua parte um acto de bravura tal que outro melhor não conheço. Debruçou-se sôbre a fogueira, pegou num ramo que ardia em chama e deslisou para fora do «forte» por uma abertura que fizera na «porta». O animal, soltando um grunhido feroz, avançou. Sem hesitar lord Roxton correu direito a êle e pôs-lhe a chama debaixo do focinho. Durante um segundo tive sob o meu olhar a visão duma máscara espantosa, duma cabeça de sapo gigante, de pele viscosa e pustulenta, a bôca flácida, escorrendo baba e sangue. Em seguida sentiu-se um grande ruído no bosque: era o nosso horrivel visitante que se punha em fuga.

— Eu logo calculei que êle recuaria diante do fogo — disse lord John, voltando com o seu facho.

Mas logo nós, unanimemente, protestámos:

— senhor não devia ter-se arriscado assim!

— Tomei — respondeu êle — o único partido que podia tomar. Se o animal avançasse, corriamos o risco de, ao atirar-lhe, nos ferirmos uns aos outros e se o tivessemos ferido, atirando-lhe através da sêbe, te-lo-iamos certamente sôbre nós. Em resumo, creio que estamos livres dêle. Mas que animal era aquele?

Os dois sábios consultaram-se com o olhar.

— Pela minha parte — disse Summerlee, acendendo o cachimbo com um tição — sinto-me incapaz de o classificar com quaisquer visos de certeza.

— E nisso revela reserva scientifica — disse Challenger, em tom condescendente. — Pela parte que me toca, tudo o que me permito avançar, sem probabilidades de exactidão, é que acabamos de estar em contacto com qualquer animal da ordem dos dinosaurios carnivoros. Tenho razões para crer, como sabem, que essa espécie existe neste planalto.

— Deve acentuar-se — observou Summerlee — que certas formas animais dos tempos pre-históricos não chegaram até nós nem sequer reveladas por simples fósseis. Certamente ainda não estão classificadas muitas das que ainda estamos para encontrar.

— E não devemos, com efeito, pretender fazer mais do que uma simples classificação sumária. O dia de ámanhã proporcionar-nos há, talvez, elementos de identificação. Entretanto, vamos reatar o nosso sono.

— Mas não sem uma sentinela — disse lord John, com decisão. — Num país como êste ninguem pode deitar-se a dormir sem cuidados. Doravante cada um de nós fará as suas duas horas de sentinela.

— Então — disse Summerlee — como tenho de acabar de fumar o meu cachimbo, farei eu o primeiro quarto.

E assim o novo costume se radicou.

No dia seguinte descobrimos a causa do medonho tumulto que durante a noite nos tinha sobressaltado. A clareira dos iguanodons tinha sido teatro dum drama. À vista das poças de sangue e dos pedaços de carne espalhados pela relva, supusemos primeiro tratar-se dum grande massacre, mas observando mais atentamente concluimos que só um iguanodon fôra completamente dilacerado por um outro animal, talvez mais pequeno, mas mais feroz do que êle.

Os dois professores, absortos, examinavam, discutindo, êsses despojos, onde estavam marcados uns dentes selvagens e umas maxilas formidáveis.

— Convem reservar o nosso juizo — dizia Challenger, com um enorme pedaço de carne sôbre os joelhos. — Isto parece obra dum daqueles tigres que tinham os dentes em forma de sabre, dos quais se encontram ainda vestígios em certos mármores das nossas cavernas, mas o animal que nós vimos é, sem dúvida, muito maior e tem mais parecenças com um reptil. Como opinião pessoal, pronuncio-me por um stêgossaurio.

— Ou um mégalosaurio — disse Summerlee.

— Se assim o quiser... Em todo o caso, é um ou outro dêsses dois grandes carnívoros dinosaurios, cuja familia forneceu os mais terriveis tipos da vida animal, que foram a deshonra da terra e são a honra dum museu.

E êste trocadilho pareceu-lhe tão espirituoso que desatou a rir às gargalhadas, porque, ainda que lhe faltasse a noção do humorismo, Challenger todo se deleitava quando uma graçola, por mais pesada que fôsse, lhe saía dos lábios.

— Quanto menos barulho fizermos melhor — disse lord John, num tom sacudido. — Desconhecemos quem ou o quê pode rondar em tôrno de nós. Se o farçola desta noite voltar por aí a procurar-nos para lhe servirmos de almoço,

Durante um segundo tive sob o meu olhar a visão de uma máscara espantosa, de uma cabeça de sapo gigante, de pele viscosa e pustulenta, a bôca flácida, escorrendo baba e sangue

talvez não tenhamos tanto de que rir. Mas que mancha é esta na pele do iguanodon?

A pele escamosa e côr de ardósia ostentava, um pouco acima da espádua, uma singular rodela prêta, feita duma substância que parecia asfalto. Nem Summerlee nem eu estávamos habilitados a explicar o caso. Summerlee declarou sòmente que, dois dias antes reparara que os iguanodons mais pequenos tinham na pele qualquer coisa análoga. Challenger não dizia nada, mas dava-se ares, como se só êle pudesse responder e lord John acabou por lhe fazer directamente a pregunta.

— Se Vossa Graciosa Senhoria me permite que eu abra a bôca, terei grande prazer em exprimir a minha opinião — disse êle, com ironia. — Não estou habituado a ser repreendido pela forma por que Vossa Senhoria usa fazê-lo. Parece-me que não tinha que pedir lhe autorização para sorrir duma inocente brincadeira.

O nosso susceptível amigo Challenger só se acalmou com desculpas. Satisfeito o seu amor próprio, sentou-se, mas a uma certa distância, num tronco de árvore e, dirigindo-se-nos no mesmo tom em que preleccionaria a uma multidão, começou:

— De acôrdo com o professor Summerlee, meu amigo e colega, admito que as manchas em questão sejam de asfalto, porque neste planalto, essencialmente vulcânico, o asfalto, substância ignea, deve sem dúvida existir no estado líquido e livre. Mas um problema mais importante é o da existência do carnívoro que, na noite passada, ensanguentou esta clareira. Sabemos que o planalto tem, aproximadamente, a superfície dum condado de Inglaterra. Neste espaço restrito coabitam, há inúmeros séculos, numerosos animais, cuja maioria pertence a certas espécies que por tôda a parte se extinguiram. Parece-me evidente que, ao cabo de tão longo período, os carnívoros, multiplicando-se sem obstáculo, teriam totalmente destruído as espécies de que se alimentam e deveriam, portanto, ter mudado de género de alimentação ou morrido de fome. Ora nós vemos que as coisas se passam de forma diferente e disso podemos deduzir que a natureza mantem o equilíbrio, limitando, por um meio qualquer, o número dêsses animais ferozes. Para nós a questão está em descobrirmos qual seja êsse meio e em verificarmos como êle opêra. Tenho esperanças de que não teremos de esperar muito tempo pelo ensejo de estudarmos de mais perto os dinosaurios carnívoros.

— E eu espero exactamente o contrário — protestei.

Challenger contentou-se com franzir o sobrôlho, como um mestre escola quando um menino solta alguma inconveniência.

— O professor Summerlee — disse êle — tem talvez alguma observação a fazer?

Imediatamente os dois sábios se embrenharam nas irrespiráveis regiões da alta sciência, discutindo se as condições da multiplicação podem, quando modificadas, contrabalançar, na luta pela vida, a diminuição do alimento.

Nessa manhã traçámos a carta duma pequena parte do planalto, evitando o pântano dos pterodactilos e caminhando ao longo do regato na direcção de leste. Nesta direcção o país era mais impenetrável e tão densa a vegetação, que só com muita dificuldade conseguiamos avançar.

Até então a Terra de Maple White só nos tinha mostrado os seus horrores, mas ela tinha ainda um outro aspecto, que agora se nos revelava, porque durante tôda a manhã caminhámos por entre as mais belas flores, em que predominavam as côres amarela e branca, que os dois professores nos disseram serem as côres primitivas das flores. Em muitos sítios o chão estava todo florido e nós enterravamos os pés até aos artelhos nesse tapête macio e maravilhoso de que se desprendia um perfume duma doçura penetrante, quási inebriante. Em tôrno de nós zumbia a abêlha familiar dos prados ingleses e por cima das nossas cabeças as árvores vergavam ao pêso dos frutos, dos quais só alguns eram nossos conhecidos. Bastou-nos observar aqueles que as âves debicavam para evitarmos o risco de qualquer veneno e aumentarmos com êles as nossas provisões. A vegetação que iamos atravessando estava cortada de verêdas abertas pelos animais selvagens e nos sítios pantanosos havia numerosas pègadas, principalmente de iguanodons. Num pequeno bosque, a distância, avistámos muitos dêstes animais pastando: lord John com o seu binóculo verificou que todos êles tinham, como aquele que examináramos, uma marca de asfalto, mas em local diferente da espádua. Não podiamos atinar com a significação do estranho facto.

Outros animais mais pequenos passaram à nossa vista, como, por exemplo, porcos-espinhos, um papa-formigas revestido de escamas, e um porco selvagem branco, com malhas pretas, armado de compridos dentes recurvos

Outros animais mais pequenos passaram à nossa vista, como, por exemplo, porcos-espinhos, um pápa-formigas revestido de escamas, e um porco selvagem branco, com malhas pretas, armado de compridos dentes recurvos. Por uma abertura entre as árvores, através da qual se avistava a espalda de uma colina, entrevimos — sem termos tempo para o reconhecer, tal era a velocidade da sua carreira — um animal de pêlo castanho escuro, que lord John pretendia ser um gamo. Mas sendo assim, era um gamo com as proporções gigantescas de um dêsses alces, que ainda hoje se desenterram dos pântanos da minha Irlanda natal.

Depois da misteriosa visita de que fôra objecto o nosso acampamento, nunca para êle voltavamos sem apreensões. Desta vez, encontrámos tudo em ordem. noite, acêrca da nossa situação e das resoluções que ela nos impunha, tivemos uma larga discussão, que eu devo narrar, porque dela resultou ser-nos a Terra de Maple White revelada melhor e mais rápidamente do que o seria em muitas semanas de exploração. A discussão começou por umas palavras de Summerlee, que, durante todo êsse dia se mostrara péssimamente disposto e que não poude calar-se, quando lord John começou a falar do que deviamos fazer no dia seguinte.

— O que nós deveriamos fazer hoje mesmo e ámanhã e sempre — disse Summerlee — era procurar um meio de sairmos da armadilha em que nos deixámos apanhar. Os senhores só pensam em penetrar neste país, quando só deviam pensar em sair dêle.

— Surpreende-me, senhor — mugiu Challenger — que um sábio possa alimentar preocupações tão mesquinhas. Pois nós estamos num país que abre às ambições do naturalista o campo mais digno de as despertar, desde que o mundo é mundo, e o senhor vem propor que abandonemos êsse país quando dêle ┼ ┼ ┼ temos um superficial conhecimento! esperava de si coisa melhor, professor Summerlee.

— É preciso que se lembre — replicou azedamente o professor — que rejo em Londres uma cadeira das mais importantes, onde estou sendo muito insuficientemente substituido. É nisso que as nossas situações diferem, professor Challenger porque, não me consta que o senhor alguma vez quisesse assumir a responsabilidade das funções educativas.

— Com efeito — disse Challenger — creio que teria cometido um sacrilégio, destinando a um objectivo insignificante um cérebro capaz das mais importantes e mais originais investigações. Isto explica que eu tenha recusado qualquer cargo universitário.

— Quando? — preguntou Summerlee, casquinando.

Mas lord John apressou-se a intervir:

— Confesso — disse êle — que seria para mim muito triste voltar para Londres sem levar mais alguns conhecimentos dêste país.

— Pela minha parte — declarei eu — nunca mais ousaria pôr os pés no jornal e afrontar o velho Mac Ardle. (O senhor desculpa-me a franquesa dêste relato, não é verdade?) Ele jámais me perdoaria ter deixado atrás de mim tantos artigos interessantes, para sempre perdidos. De resto, o que é que se ganha em discutir, se, mesmo que todos estivessemos de acôrdo, não poderiamos descer à planície?

— O nosso amigo Malone — observou Challenger — compensa as suas lacunas mentais muito visíveis com uma certa dose de bom senso. Os interêsses da sua deplorável profissão pouco nos importam, mas, como êle muito bem fez notar, estamos na impossibilidade de descer e, portanto, discutir êste assunto é dissipar energias.

— E fazer qualquer outra coisa é dissipá-las na mesma — grunhiu Summerlee, com o cachimbo nos dentes.

*(Continua.)*

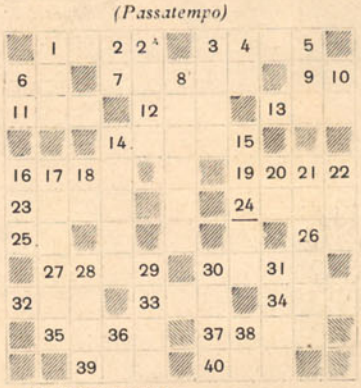
**Vêr, nos n.os 29, 30 e 31 as condições e prémios do concurso do romance**

**O MUNDO PERDIDO**

# Passatempo

## PALAVRAS CRUZADAS

*(Passatempo)*



*Horizontalmente:*

1 Cidade da América. — 3 Nome feminino. — 6 Apelido. — 7 Apelido. — 9 Verbo inglês. — 11 Anel. — 12 Possuir. — 13 Venda de bebidas. — 14 Nome masculino. — 16 Imperador romano. — 19 Heroi português. — 23 Chefe árabe. — 24 Ninguém. — 25 Nota de música. — 26 Artigo árabe. — 27 Clarão nocturno. — 30 Rei de Israël. — 32 Título inglês. — 33 Cantão da Suissa. — 34 Parente. — 35 Sustenta o teto. — 37 Oriente. — 39 Gemidos. — 40 Doce.

*Verticalmente:*

1 Casa. — 2 Perversa. — 2ª Um título português. — 3 Nome feminino. — 4 Tempo de verbo. — 5 Chefe turco. — 6 Apelido. — 8 Na antiga Roma. — 10 Duas letras de Romeu. — 14 Em Africa. — 15 Enfeite. — 16 Conjunção. — 17 Nome feminino. — 18 Está alegre. — 20 Duas letras de Grécia. — 21 Nome de uma Rainha. — 22 Planeta. — 28 Constelação. — 29 Nas cidades. — 30 Na Ásia. — 31 Proveitoso. — 36 Emp Ninive. — 38 Catedral.

■ ■ ■

*Este salteador tem por aí outro companheiro que ainda está mais bem escondido. Serão capazes de o encontrar?*

■ ■ ■

—As suas informações são satisfatórias, observou um comerciante,—mas sabe estenografia?

—Sim senhor,—respondeu humildemente o pretendente ao lugar de escriturário.

—Conhece a escrita por partidas dobradas, e pode sustentar correspondência em francês e inglês?

—Sim senhor.

—Hum! E fuma ou bebe?

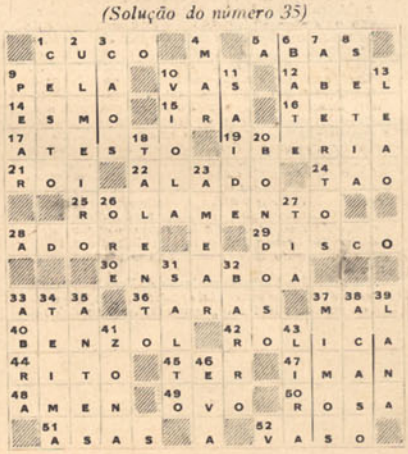
—Não, senhor,—foi a resposta; mas aprendo depressa se V. Ex.ª quiser.

*A neta:* — Está-me parecendo que estão os dois zangados um com o outro. Então o que veiu a ser essa questão?

*A avó:* — É o teu avô que se queixa de eu não ser uma mulher moderna. (Do *Punch*,)

## PALAVRAS CRUZADAS

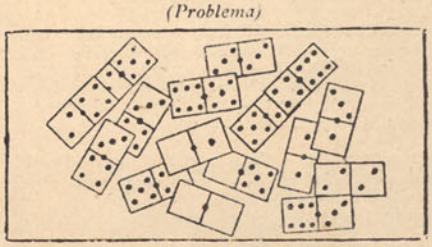
*(Solução do número 35)*



■ ■ ■

## UM DOMINÓ DIABOLICO

*(Problema)*



Fazer com que, destas dezasseis pedras de dominó fiquem apenas metade, sem rasgar nem cortar o papel, nem riscar nenhuma delas, parece coisa diabólica, ou pelo menos coisa de prestidigitação; porém não é nada disso. Basta fazer no papel duas pregas, duas simples pregas, e uma vez que se acerte fazê-las na devida forma, ver-se há como só ficam as oito pedras que dizêmos.

*O juiz:*—Tem alguma cousa a dizer antes de eu dar a sentença?

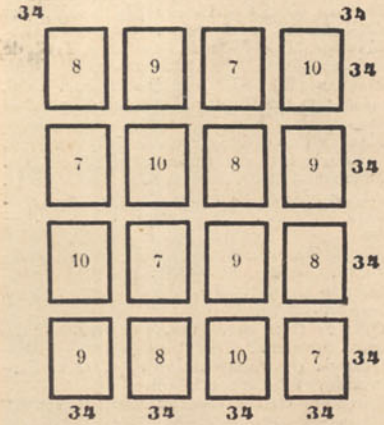
*O réu:* — Tenho sim, sr. juiz. Era favor se me desse pelo menos dois meses de prisão porque a êsse tempo já a minha sogra se deve ter ido embora da minha casa para a dela.

■ ■ ■

## COMBINAÇÃO DE CARTAS

*(Solução)*

Na seguinte figura está resolvido o problema:




Êste quadrado, além de ser mágico, é diabólico também. A sóma das quatro cartas dos cantos é 34. A das quatro cartas do centro é 34. A das duas cartas do centro da linha superior com as duas simétricas da linha inferior, é 34.

E o mesmo se dá com as duas do centro da primeira coluna contando da esquerda e as suas simétricas da coluna quarta. A sóma das que estão nas duas meias diagonais de cada lado, contadas a partir do centro da figura, é 34.

# BIBLIOGRAFIA PORTUGUESA

EXTRACTO DA RELAÇÃO DAS OBRAS REGISTADAS NA BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA EM ABRIL DE 1927

## LITERATURA

BLASCO (MERCEDES). — *Caras e corações.* 158 p. 8.° — 7$50.

BOISAT (MÉNARD). — *Sózinha no mundo.* Trad. de A. Vitor Machado. 98 p. 8.° — 3$00.

BOURGET (PAUL). — *Um divórcio.* Romance. Trad. de Campos Monteiro. 368 p. — 10$00.

BRITO CAMACHO. — *D. Carlos, Intimo.* Nova ed. 100 p. 8.° — 6$00.

CABEDO (MARIA DE). — *Fantasias e realidades.* Pref.° de Alfredo Pimenta. 177 p. 8.° — 10$00.

CAINE (HALL). — *Cidade eterna.* Trad. de L. de C. e Almeida. Nova ed. 453 p. 8.° — 10$00.

CASTRO (EUGÉNIO DE). — *Oaristos-Horas-Silva* (Obras Poéticas. vol. I) — 15$00.

CATALANY (MYRIAM). — *A Viagem de Mimosa.* Trad. de Preto Pacheco. 160 p. 8.° c. grav. — 6$00.

DELLY (M.) — *O Rei dos Andes.* Trad. de Germano Campos Monteiro. 292 p. 8.° — 10$00.

FARIA MACHADO (JOSÉ DE). — *Novos Ricos.* Romance. 193 p. 8.° — 10$00.

FEYDEAU (ERNESTO). — *Memórias de uma mulher bonita.* Nova ed. 127 p. 8.° — 5$00.

FREDERICO (CARLOS). — *O Cavalo Encantado.* (Contos para crianças). Il. de Roque Gameiro. 37 p. 16 c. grav. — 3$00.

FREDERICO (CARLOS). — *A História do João-zinho. O murganho da cidade.* (Contos para crianças). Il. de Raquel Roque Gameiro. 33 p. 16.° c. grav. — 3$00.

GUERREIRO MURTA (JOSÉ). — *Como se aprende a estudar.* (Estudar é saber-II) 300 p. 8.° — 10$00.

INSUA (ALBERTO). — *A mulher que precisa de Amor.* Trad. de Novais Teixeira. 325 p. 8.° — 10$00.

KHAYYAM (OMAR). — *Robaiyat.* (Livro de quadras). Trad. com um estudo biográfico do autor por Gomes Monteiro. 136 p. 8.° — 10$00.

LEITÃO (JOAQUIM). — *Os Cegos.* Peça em 3 actos. Il. de Alice Rey Colaço, Augusto Pina e Jorge Colaço. 180 p. 8.° — 10$00.

MACHADO (A. VITOR). — *Teatro.* (Canções, fados, canconetas) — 138 p. 8.° c. o ret. do A.

MARDEN (O. S.) — *Formação do carácter.* Trad. de A. Vitor Machado. 253 p. 8.° — 9$00.

MARDEN (O. S.) — *A marcação do lugar na vida.* Trad. 284 p. 8.° — 9$00.

MARYAN (M.) — *Dionisia.* Romance. Trad. de Domingos Ramos. 359 p. 8.° — 10$00.

MARYAN (M.) — *O Dote de Nicolette.* Trad. de Honorina de Oliveira Machado. 288 p. 8.° — 10$00.

MARYAN (M.) — *O Segrêdo de Solange.* Trad. de Florbela Espanha Lage. 328 p. 8.° — 10$00.

MOLIÈRE. — *Anfitrião.* Comédia em 3 actos. *O Amor Médico.* Comédia em 3 actos. Trad. revista por Guedes de Oliveira. 153 p. 16.° — 4$00.

*Musa Algarvia.* (Versos inéditos de poetas do Algarve...) 168 p. 8.° — 7$50.

OGANDO (ALICE). — *Intimidade.* Versos. 60 p. 8.° — 5$00.

QUEIRÓS (EÇA DE). — *O Egypto.* Notas de viagem. Nova ed. 347 p. 8.° — 10$00.

QUEIRÓS (EÇA DE) — *A Ilustre Casa de Ramires.* Nova ed. 454 p. 8.° — 8$00.

RAPOSO DE OLIVEIRA. — *Via Sacra.* 106 p. 8.° — 6$00.

## ESTRANGEIROS AMIGOS DAS NOSSAS LETRAS

A. HERNANDEZ CATÁ

*Cubano de origem, A. Hernandez Catá é um dos mais fortes contistas das letras espanholas contemporâneas. Esse difícil genero não tem para êle segredos. Em meia dúzia de paginas, concisas, vibrantes, sai por inteiro da sua pena um drama ou um episodio risonho ou sentimental, palpitante de humanidade e de realismo. Ha anos exercendo funções diplomaticas em Portugal e Espanha, as nossas letras e seus primaciais valores, longe de serem desconhecidos do notavel escritor hispano-americano, teem-lhe repetidas veses inspirado palavras de admiração e de solidariedade. Ainda agora isso se nos evidencia num curioso prefacio escrito expressamente por êle para a edição portuguesa, há dias saída do prelo, do seu livro de contos* Os Sete Pecados. *Nesse prefacio A. H. Catá fala de Camilo, Eça de Queiroz, Aquilino Ribeiro e outros vultos da nossa literatura com incondicional apreço. Esse livro,* Os Sete Pecados, *de que preferimos, entre a vintena de trechos que o formam, os dois* A Institutrice e A Galegulta, *verdadeiras obras-primas de emoção, é uma obra vigorosa que vale a pena ler. Em breve sairá, na mesma* Colecção de Hoje, *outro volume do autor, intitulado* O bebedor de lágrimas.

*A «Ilustração» honra-se contando A. Hernandez Catá entre o elenco dos seus colaboradores. Aqui fa êle publicou um conto,* O Irmão, *agora incluido naquele volume.*

SARDINHA (ANTÓNIO) — *À sombra dos pórticos.* Novos ensáios. 310 p. 8.° — 12$50.

SCARLATTI (EDUARDO) — *Ideas dos outros.* 246 p. 8.° — 12$00.

SOUSA MACHADO — *Dolor.* 386 p. 8.° c. grav. — 15$00.

SOUSA NUNES — *Cabeças no ar.* Romance. 206 p. — 8$00.

SOY (EMMANUEL) — *Primeiro Amor.* Trad. de Mário Gonçalves Viana. 316 p. 8.° — 10$00.

TAÏT (ASA OSCAR) — *Arautos do Porvir.* Trad. 354 p. 8.° c. grav. — 25$00.

VAUTEL (CLÉMENT) — *Uma menina sem cerimónia.* Romance. Trad. de Oldemiro César. 303 p. 8.° — 10$00.

VAZ FERREIRA — *Sem Estado.* (Os três estados — IV) — 319 e XXXII p. — 10$00.

## HISTORIA E GEOGRAFIA

AVILA LIMA — *Da Sociedade das Nações.* 191 p. 8.° — 25$00.

BARREIROS (FORTUNATO JOSÉ) — Cartas que a el-rei D. Pedro V dirigiu de Inglaterra, Bélgica... o general de Artilharia — Documentos autógrafos publicados por Carlos Alberto Ferreira. 272 p. 8.° — 20$00.

CARDIM (LUÍS) — *Novos documentos sôbre as «Lettres Portugaises».* 16 p. 8.° — 2$50.

CASTILHO (JÚLIO DE) — *Memórias de Castilho.* Nova ed. Tomo I. 322 p. 8.° — 20$00.

CHAGAS FRANCO — *As Origens da Civilização.* Esbôço da Humanidade pre-histórica. (A Evolução da Humanidade — I) — 180 p. c. grav. — 6$00.

MATOS (NORTON DE) — *A Provincia de Angola.* 301 p. 8.° — 60$00.

OLIVEIRA MARTINS (J. P.) — *História da Republica Romana.* Tomos I e II. Nova ed. 2 vols. 8.° — 20$00.

VIEIRA GUIMARÃES — *Tomar. Santa Iria.* 313 p. 8.° c. grav. — 50$00.

## SCIENCIAS E ARTES

ARQUIVO PEDAGÓGICO — Boletim da E. Normal Superior de Coimbra. Ano I, n.° 1. 98 p. 8.° — 5$50.

BENSAUDE (JOAQUIM) — *Histoire de la science nautique des découvertes portugaises.* 59 p. 4.°

BUCHNER (LUÍS) — *Fôrça e matéria,* ou Principios da ordem natural ao alcance de todos. Trad. de Jaime Filinto. 386 p. 8.° — 8$00.

COSTA (LAURINDO) — *Ourivesaria antiga.* Evolução. (Memória). 32 p. 8.° c. est. a côres. —

MANUAL DE JOGOS — Nova ed. 237 p. 8.° — 10$00.

SIGHELE (SCÍPIO) — A *Mulher e a Criança.* Trad. e pref.° de Horácio Pinto. 103 p. 8.° — 8$00.

TRIGUEIROS DE MARTEL (JOÃO FILIPE) — *O Vale do Tejo* sob o ponto de vista agronómico. 102 p. 4.°

## SCIÊNCIAS CIVIS

ANUÁRIO COMERCIAL DE PORTUGAL — para 1927 — 2 vol. — 250$00.

ANUÁRIO COMERCIAL DO PORTO — para 1927. 672, CCLXXII p. 8.° — 40$00.

CASA PIA DE LISBOA — Regulamentos e mais legislação promulgada desde a implatação da República. 100 p. 8.°

QUINTELA (EDUARDO A.) — *Os Cavaleiros da Paz.* (Teses Sociais). 125 p. 8.° — 10$00.

## BIBLIOGRAFIA

BIBLIOTECA NACIONAL — *Publicações.* Vol. 1 (Rep. Port. — Ministério da I. Pública) — 160 p. c. grav. e est.

INOCÊNCIO FRANCISCO DA SILVA — *Dicionário Bibliográfico Português.* 2 ed. Tomo II 478 p. 8.° — 20$00.

## RELIGIÕES

MÚSICA SACRA — Ano I — n.° 1. Revista mensal. 15 p. — 4$00.

* * *

ERRATA — *A resenha de* Bibliografia Portuguesa *publicada no nosso número 34 e relativa ao mês de Março, e não de Fevereiro, como, por lapso, saiu indicado no sub-titulo.*

*As livrarias AILLAUD e BERTRAND dão gratuitamente tôdas as informações às consultas bibliográficas que lhes sejam feitas e fornecem todos os livros nacionais e estrangeiros, sendo êstes vendidos ao cambio do dia*

## ASSINATURAS DA «ILUSTRAÇÃO»

| | Trimestre | Semestre | Anual |
|---|---|---|---|
| CONTINENTE E ILHAS | Escudos 22$00 | Escudos 44$00 | Escudos 88$00 |
| AFRICA OCIDENTAL E ORIENTAL | » 25$00 | » 50$00 | » 100$00 |
| INDIA, MACAU E TIMOR | » 27$00 | » 54$00 | » 108$00 |
| ESPANHA | » 24$00 | » 48$00 | » 96$00 |
| ESTRANGEIRO | » 32$00 | » 64$00 | » 128$00 |

# BERTRAND (IRMÃOS) LDA

OS MAIORES ATELIERS
DE GRAVURA DO PAIS

TRAVESSA
DA CONDESSA DO RIO 27

TELEPHONE TRINDADE 96

# TRICROMIA
# FOTOGRAVURA
# ZINCOGRAVURA
# E DESENHOS

ARTA

# HISTORIA DE PORTUGAL

POR

# Alexandre Herculano

## EDIÇÃO ILUSTRADA

em 8 volumes no formato 12×18, impressos em esplendido papel, publicando-se um volume mensal

## SAIU EM MAIO O VOLUME I

**Por assinatura:** o pagamento dos tomos faculta a quem o desejar, a acquisição desta obra monumental pouco a pouco, sem qualquer encargo pesado.

**Continente e Ilhas** — Incluindo despesas de correio, cobrança e embalagem, cada volume em brochura ..... Esc. 10$00

Idem, encadernado em percalina com ferros especiais e letras a ouro .... Esc. 14$50

Idem, encadernado em carneira gravada, à antiga portuguesa, com folhas pintadas a encarnado ..... Esc. 25$00

**Colónias portuguesas** — Pagamento adeantado — Incluindo despesas de correio, cobrança e embalagem, os mesmos preços do Continente e Ilhas.

Os pedidos de assinaturas devem ser dirigidos aos Editores

**Livrarias Aillaud e Bertrand — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA**